



CURSO DE MARIOLOGIA

Prof^a Dr^a Eliane Portalone Crescenti



*“Eu te saúdo, Senhora, Rainha santa,
Santa Mãe de Deus, Maria, que és Virgem,
feita Igreja e eleita pelo Santíssimo Pai
do céu, que te consagrou por seu Santíssimo
e dileto Filho e o Espírito Santo Consolador.
Em ti foi e reside toda a plenitude da graça
e todo o bem.*

*Eu te saúdo, palácio do Senhor;
eu te saúdo tabernáculo dele;
eu te saúdo, morada do Senhor;
eu te saúdo, vestimenta dele.
Eu te saúdo, serva do Senhor;
eu te saúdo, ó Mãe do Senhor ...”*

(Santo Antônio de Pádua)

Sumário

Oração de João Paulo II pelo V Centenário da Evangelização na América Latina	4
Apresentação	5
À guisa de introdução: Maria, Mãe e Mestra	6
Parte 1: O papel de Maria na História da Salvação	9
1. Maria no Antigo e no Novo Testamentos	10
1.1. <i>O papel da Virgem Maria no mistério de Cristo</i>	10
1.2. <i>A predestinação de Maria</i>	10
1.3. Quem foi Maria?	10
1.4. Onde nasceu Maria?	11
1.5. Maria no Antigo Testamento	11
1.6. Maria no Novo Testamento	13
2. Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja	14
2.1. <i>A missão da bem-aventurada Virgem na história da Salvação</i>	14
2.2. <i>A Bem-Aventurada Virgem e a Igreja</i>	14
2.3. <i>O que os Santos nos falam sobre Maria</i>	15
Parte 2: O papel de Maria na Igreja	17
3. Maria e a Igreja	18
3.1. <i>A Presença de Maria na Origem da Igreja</i>	18
3.2. <i>Maria na vida da Igreja e de cada cristão</i>	21
3.3. <i>Influência da Virgem Maria na vida da Igreja</i>	25
3.4. <i>Maria é a Mãe da Igreja</i>	29
3.5. <i>Modelo da santidade da Igreja</i>	31
4. Os dogmas de Maria	34
4.1. <i>Dogma da Imaculada Conceição</i>	34
4.2. <i>Dogma de “Maria, Mãe de Deus”</i>	35
4.3. <i>Dogma da Virgindade de Maria</i>	36
4.4. <i>Dogma da Assunção</i>	41
5. O papel da mulher a partir de Maria	47
6. Devoção Mariana	49
6.1. <i>Culto das imagens</i>	49
6.2. <i>O rosário</i>	52
6.3. <i>Festas Solenes de Nossa Senhora</i>	57
7. Diversos textos sobre Maria	58
Referências	68

Oração de João Paulo II pelo V Centenário da Evangelização na América Latina

D. Maria Santíssima, Mãe da América Latina, pela pregação do Evangelho, nossos povos se reconhecem como irmãos

T. e que tu és Imaculada, a cheia de graça!

D. Com certeza filial sabemos

T. que em teu ouvido está a saudação do anjo, em teus lábios, o Magnificat, em teus braços, Deus feito criança, em teu coração, a cruz do calvário, em tua frente, a luz e o fogo do Espírito Santo e sob teus pés, a serpente derrotada!

D. Mãe nossa santíssima, nesta hora da nova evangelização, pede a nós ao redentor do homem;

T. Que Ele nos resgate do pecado e de tudo o que nos Escraviza; que nos una com o laço da fidelidade à Igreja e aos pastores que nos guiam!

D. Mostra teu amor de Mãe

T. aos pobres, aos que sofrem, “aos que partem como Missionários do Evangelho” e a todos os que buscam o Reino do teu Filho.

D. Fortalece nossos esforços pela construção de um Continente mais fraterno, solidário na verdade, na justiça e no amor.

T. Agradecemos profundamente o dom da fé e contigo glorificamos o Pai das misericórdias, por teu Filho Jesus, e com o Espírito Santo. Amém!

Apresentação

Apresentação

O curso de Mariologia tem como objetivos:

- estudar o enfoque mariológico-ecumênico do Vaticano II e dos importantes documentos que nas décadas seguintes abordam a questão;
- enfatizar, partido da mariologia bíblica e da tradição da Igreja, os dogmas marianos e da face mariana da Igreja latino-americana;
- resgatar o papel da mulher na Igreja a partir de Maria.

É composto por dois encontros. O primeiro focando o papel de Maria na História da Salvação:

- Maria no Antigo e no Novo Testamentos;
- Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja.

O segundo encontro focou o papel de Maria na Igreja:

- Maria e a Igreja;
- Os dogmas de Maria;
- O papel da mulher a partir de Maria.

Este material contém anotações de aula de forma sintetizada, o qual possibilita ao participante a utilizá-lo nas atividades que desenvolve em sua comunidade paroquial.

Espero que este material possa proporcionar aos seus leitores, um pouco da compreensão do papel de Maria na Igreja e na humanidade e que também possam amá-la mais e, por amá-la mais, possam então atender ao seu pedido de Mãe: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”* (Jo 2, 5).

Eliane Portalone Crescenti
01 de maio de 2007
Festa de São José Operário

À guisa de introdução: Maria, Mãe e Mestre



No amanhecer daquele dia algo parecia diferente. Toda a terra e todo o universo estavam diferentes. Toda a criação estava como que na espera de algo grandioso acontecer. Maria levanta-se como em todas as manhãs, ocupa-se de suas orações e de seus afazeres, como em todos os dias. Mas aquele seria um dia diferente! Receberia a visita inesperada de um mensageiro de Deus.

E assim aconteceu: um Anjo, Gabriel, apareceu-lhe e a saudou, chamando-lhe de a “*cheia de graça*” (Lc 1, 28). Tal saudação a inquietou e pôs-se a pensar: “que significa tal saudação?”. O anjo imediatamente a tranqüilizou, dizendo: “*não temas, Maria*” (Lc 1, 30). Em seguida, comunicou-lhe o motivo de tal visita: “*eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus*” (Lc 1, 31).

Maria questionou o anjo como se daria tal concepção uma vez que ainda não era casada, mas noiva de José. O anjo lhe explicou a intervenção poderosa de Deus, a ação do Espírito Santo sobre o seu ser: “*o Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do altíssimo te envolverá com a sua sombra*” (Lc 1, 35). Esclarecida de como se daria tal intervenção divina em sua vida, disse: “*Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1, 38).

Neste momento toda a Criação explodiu de alegria, pois pelo seu sim, o Salvador pôde se fazer homem, resgatar e reconciliar a humanidade com Deus. A partir desse instante, inicia-se a maternidade de Maria, a escolhida para gerar o Filho de Deus desde o princípio, quando por meio de Adão e Eva entrou o pecado na humanidade. Bendito seja sim de Maria, que nos deu Jesus e Ele a nos deu como mãe! Deus anunciou que a salvação viria por uma mulher, quando disse à serpente: “*Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar*” (Gn 3, 15).

Se o pecado veio ao mundo através de Eva, a graça nos veio por meio de Maria. Pela sua desobediência, Eva desafiou a Deus; pela sua obediência, Maria

nos ajudou a restabelecer a amizade com Deus. Somos “filhos” de Eva por natureza; somos “filhos” de Maria pela graça.

Como “filhos” de Eva, nós somos sujeitos aos impulsos da desobediência, da soberba, do orgulho, da vaidade, da luxúria, da ira, das discórdias, da impureza, das inimizades, das brigas, das vanglórias, dos ciúmes, da ambição, da inveja, da mentira, da libertinagem, do poder, da superioridade. Como “filhos” de Maria, procuramos combater esses impulsos, buscando viver a obediência, a humildade, a simplicidade, a caridade, o despojamento, a pureza, a alegria, a paz, a mansidão, a piedade, a verdade, a paciência, o silêncio, a oração.


Maria foi livre da ignorância por ter a Sede da Sabedoria; livre de qualquer malícia porque a sua vontade era sempre reta, alicerçada no bem e unida a de Deus; livre da corrupção do pecado, porque fora preservada de todos os impulsos possessivos a que nós somos sujeitos; a beleza de sua alma, a grandeza de seu caráter, a pureza de seu coração, a sabedoria de sua mente, tudo isso recebeu por graça de Deus. (Dom Cipriano Chagas, osb).

Maria, como nossa mãe e nossa mestra, ensina-nos o caminho que nos leva a Jesus: foi a primeira a viver uma vida de total despojamento; a que possuía mais conhecimento das leis divinas, e por isso a mais humilde, porque via a Deus como de fato ele é e se reconhece criatura, serva de Deus, obediente à sua Palavra, dócil aos seus ensinamentos; a mais diligente; a mais perfeita em cada virtude porque, vendo Deus como Ele é, no seu nada evitava tudo o que poderia desagradá-lo. Maria nos ensina a perseverar no bem, na oração, na fé, na esperança, na caridade, pois deseja que crescamos como pessoas, como filhos e filhas amados por Deus. Deseja que vivamos intensamente nosso batismo, nossa missão de evangelizadores, nossa missão régia, profética e sacerdotal, principalmente, no mundo tão secularizado em que vivemos hoje.

Para que possamos viver dessa forma, nos ampara e nos sustenta, mas não nos tira do combate da vida. Com o exemplo de sua vida nos ensina a lutar contra toda a adversidade e contrariedade, utilizando algumas “armas”: obediência, humildade, caridade, silêncio e sacrifício. Por meio da obediência, cumprimos todos os mandamentos de Deus e os ensinamentos de Jesus; pela humildade, combatemos o orgulho, maior responsável pela maioria de nossos pecados; pela caridade exercitamos o despojamento e o servir ao próximo; pelo silêncio do coração podemos ouvir a Deus que nos fala por sua Palavra, pelas

pessoas, pelos acontecimentos; pelo sacrifício podemos tornar sagrado tudo o que fazemos: o nosso trabalho, os nossos relacionamentos, o nosso lazer, o nosso conviver em comunidade.

Maria, nossa mãe e mestra, ensina-nos a viver. Entreguemos a ela nossa vida, nossa família, nossos problemas, nossas dificuldades no crescimento espiritual, nossas dificuldades de relacionamentos, como a falta de amor, de perdão, de caridade, de paciência, de humildade. Confiemo-nos a Maria, porque ela tem cuidado de nós, principalmente nos momentos mais difíceis de nossa vida. Consagremos os lares, as crianças, os jovens, os enfermos, os doentes, os necessitados à proteção de Maria e, com ela proclamemos, em qualquer situação, *“o Senhor tem feito em mim maravilhas, santo é o seu nome”*.



PARTE 1

*O PAPEL DE MARIA NA
HISTÓRIA DA SALVAÇÃO*

1. Maria no Antigo e no Novo Testamentos

1.1. O papel da Virgem Maria no mistério de Cristo

“O que a fé católica crê acerca de Maria funda-se no que ela crê acerca de Cristo, mas o que a fé ensina sobre Maria ilumina, por sua vez, a sua fé em Cristo” (CIC 487).

1.2. A predestinação de Maria

- Deus quis a livre cooperação de uma criatura e para isso escolheu para ser mãe de Seu Filho uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré, na Galiléia (CIC 489).

- Ao longo da antiga Aliança, a missão de Maria foi preparada pela missão de santas mulheres:

Gn 3

. **Eva**: apesar da desobediência, recebe a promessa de uma descendência que será vitoriosa sobre o maligno e de ser a mãe dos viventes.

EVA, em hebraico HAVA, significa VIDA.

Gn 16, 1.2;
18, 1-15

. **Sara**: esposa de Abraão, concebe um filho em idade avançada (Isaac). Era estéril.

1 Sm 1 e 2

. **Ana**: mãe de Samuel. Deus escolheu o que era tido como impotente e fraco para mostrar sua fidelidade à sua promessa. Em sua pessoa, mostra-se uma mulher estéril, humilhada, mas de fé.

. **Débora**: profetiza e juíza (Jz 4 e 5); **Rute**: bondade; **Judite**: oração e intercessão; **Ester**: rainha.

. **Maria**: com ela completam-se os tempos e se instaura uma nova economia.

1.3. Quem foi Maria?

Referência
[27]

- Maria, nome de origem egípcia *Mariam* que quer dizer “Amada do Senhor”;

- Cheia de graça;

- obra-prima da missão do Filho e do Espírito na plenitude do tempo;

- nela Deus Pai encontra a morada em que Seu Filho e Seu Espírito podem habitar entre os homens;

- é o “trono da sabedoria”;

- o Espírito Santo a preparou com a sua graça:

. foi concebida sem pecado,

CIC 721 a 726

- . a mais humilde das criaturas,
- . a mais capaz de acolher o Dom inefável do Todo-Poderoso,
- . virgem antes, durante e após ter Jesus,
- . torna-se a “Mulher”, nova Eva, “mãe dos viventes”, Mãe do “Cristo total”.

1.4. Onde nasceu Maria?

Referência
[22]

- Não se sabe exatamente;
- quatro cidades são possíveis:
 - . Séforis (5 km de Nazaré);
 - . Belém;
 - . Jerusalém;
 - . Nazaré (maior probabilidade).



cidadezinha pequena, situada na parte sul da Galiléia; considerada insignificante, pois não aparece nenhuma vez citada no Antigo Testamento, não aparece nem nos mapas imperiais romanos, os quais continham os nomes das vilas e das cidades de seu grande império, mesmo os mais insignificantes.

Nazaré é “silêncio”

Apenas é citado nos Evangelhos, citado com ironia por Natanael, próprio de aldeias rivais: “Pode vir algumas coisa boa de Nazaré?” (Jo 1, 46).

- Maria de Nazaré:

Maria, pelo lugar de origem “é” silêncio e anonimato, assim como Jesus o foi por 30 anos.

“Foi uma mulher tão pobre e tão límpida, tão desinteressada e tão humilde que nos apresentou e nos transpareceu o mistério total de Deus e sua salvação, mas ficou ela mesma em silêncio e ninguém se deu conta de sua presença” (p.97).

Referência
[20]

Referência
[27]

- Outras fontes mencionam que Maria nasceu em Jerusalém, seguindo ela e sua mãe, após a morte de seu pai, para Séforis, e depois para Nazaré.

1.5. Maria no Antigo Testamento

I) Insinuada profeticamente

Gn 3, 15: esta passagem se chama “proto-Evangelho”, pois é o primeiro anúncio da Boa Nova.

- **Cristo** {
- nascer de uma mulher;
- ser membro da estirpe humana para resgatá-la do poder do pecado;
- novo Adão.

- **Palavra Mulher** {
- primeiro para Eva;
- segundo remetendo a Maria (vencer o inimigo).

- **Maria:**

Concílio
Vaticano II

. *“já é profeticamente esboçada na promessa de vitória sobre a serpente dada aos nossos primeiros pais caídos no pecado”*;
. é sinal de vitória, esperança, pois dela nascerá o Redentor.

- O **Antigo Testamento** é uma lenta preparação ao cumprimento da promessa.

II) Uma virgem conceberá ...

Is 7, 10-14:

“O Senhor disse ainda a Acáz: Pede ao Senhor teu Deus um sinal, seja do fundo da habitação dos mortos, seja lá do alto. Acáz respondeu: “De maneira nenhuma! Não quero pôr o Senhor à prova”. Isaías respondeu: “Ouvi, casa de Davi: Não vos basta fatigar a paciência dos homens? Pretendeis cansar também o meu Deus? Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamará ‘Deus Conosco’”.

1º) Sinal tem concretização imediata:

nascimento do filho de Acáz, futuro rei Ezequias, piedoso rei e que durante seu reinado acontece a libertação de Jerusalém.

2º) Desenvolvimento de uma profecia:

profeta anuncia a intervenção decisiva de Deus na realização de sua promessa messiânica que será reiterada por Miquéias (Mq 5, 1-3).

3º) A Filha de Sião

Em numerosos textos do AT, o Povo Eleito - portador da promessa – aparece personificado simbolicamente em uma mulher, a Filha de Sião.

Zacarias 9,9: *“Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei, justo e vitorioso”.*

Outras passagens:

Sofonias 3, 14 -18

Miquéias 4, 9s

Joel 2m 21-23

A personificação simbólica torna-se concreta:

Maria

. recebeu o anúncio de Deus,

- . mulher habitada por Deus,
- . Mãe que nos gera na dor para transforma-nos no novo Povo de Deus,
- . Ela é a Filha de Sião.

1.6. Maria no Novo Testamento

Maria aparece no Novo Testamento, citada explicitamente, principalmente nas seguintes situações:

- I) Descendência de Jesus
Mt 1, 16.
- II) “Alegra-te, cheia de graça”
Lc 1, 26-38
- III) A visitação
Lc 1, 38-45
- IV) Magnificat: o canto de Maria
Lc 1, 46-55
- V) Nascimento de Jesus, o Salvador
Mt 1, 18-25
Lc 2, 1-19
- VI) Adoração dos reis magos
Mt 2, 1-12
- VII) Fuga para o Egito
Mt 2, 13-23
- VIII) Apresentação de Jesus no Templo
Lc 2, 22-35
- IX) Jesus aos doze anos no Templo em Jerusalém
Lc 2, 41-52
- X) Em Caná, onde Jesus realiza seu primeiro milagre em um casamento, “Fazei os que Ele vos disser”:
Jo 2, 1-12
- XI) A “família” de Jesus
Mt 12, 46-50
Mc 3, 31-35
Lc 8, 19ss
- XII) Junto à cruz de Jesus:
Jo 19, 25-27
- XIII) Maria e a Promessa do Espírito Santo em Pentecostes:
At 1, 14; 2, 1-4
- XIV) No Apocalipse apontada como “Um grande sinal no céu”:
Ap 12, 1

Referência [8]

Maria não é o centro, mas está no centro da história da salvação.
Lumen Gentium (LG) 56.

2. *Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja*

Lumen
Gentium
52 a 69

2.1. *A missão da bem-aventurada Virgem na história da Salvação.*

I) **A Mãe do Messias no Antigo Testamento**

55

- profeticamente esboçada na promessa dada aos primeiros pais, quando da vitória sobre a serpente;
- Virgem que conceberá e dará a luz um filho cujo nome será Emanuel;
- se sobressai entre os humildes e pobres do Senhor que dele esperam e recebem com fé a salvação;
- excelsa Filha de Sião;
- o Filho de Deus assumiu dela a natureza humana.

II) **Maria na Anunciação**

56

- como a mulher contribuiu para a morte, a mulher também contribuiu para a vida;
- deu ao mundo a própria vida que tudo renova;
- foi por Deus enriquecida com dons signos para tal função;
- Santos Padres disseram a seu respeito:
 - toda santa;
 - imune de toda mancha do pecado;
 - plasmada pelo Espírito Santo;
 - formada nova criatura.
- Santo Irineu:
“obedecendo, se fez causa de salvação tanto para si como para todo o gênero humano”.
- São Jerônimo:
“O nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva ligou pela incredulidade, a Virgem Maria desligou pela fé”.

2.2. *A Bem-Aventurada Virgem e a Igreja*

I) **Maria serva do Senhor na obra da redenção e santificação**

- a materna missão de Maria a favor dos homens de modo algum obscureceu nem diminui a mediação única de Cristo junto ao Pai, mas até reforça sua potência.
- Maria favorece a união imediata dos fiéis com Cristo.
- Por desígnio da Divina Providência, Maria foi:
 - . Mãe de Deus;
 - . Sempre Virgem;
 - . Companheira de Jesus;
 - . Humilde serva de Deus.
- Pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvador para a restauração da vida sobrenatural das almas.
- Ela se tornou nossa Mãe.

- Assunta aos céus, não abandonou sua missão, mas continua nos agradando com dons da salvação.
- É invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Medianeira.
- *Lumen Gentium*, 67: sobre a veneração à Virgem Maria e aos Santos.

2.3. O que alguns Santos nos falam sobre Maria

I) Santo Agostinho

“Jesus tomou carne de Maria”;

“Na Eucaristia Maria perpetua e estende a sua Divina maternidade”;

“Maria é chamada nossa mãe porque cooperou com sua caridade para que, nós, fiéis, nascêssemos para a vida da graça como membros da nossa cabeça, Jesus Cristo”.

II) Santo Afonso de Ligório

“As orações de Maria são as mais poderosas diante de Deus, do que as de todo o paraíso”.

III) Santa Catarina de Sena

“Quem respeita Maria, seja santo ou pecador, não será levada pelo demônio infernal”.

IV) Santa Teresa de Ávila

“É fácil falar dos privilégios de Maria. É preciso zelar para que ela seja também amada”

V) São Francisco de Sales

“As crianças, vendo o lobo, correm logo para os braços do pai ou da mãe, pois ali se sentem seguras. Assim devemos fazer: recorrer imediatamente a Jesus e a Maria”.

VI) São Bernardo

“Recorre a Maria! Sem a menor dúvida eu digo, certamente o Filho atenderá sua mãe. Filhinhos, esta é a escada dos pecadores, esta é a minha maior confiança, esta é toda a razão de minha esperança”.

“Busquemos a graça, mas busquemos por intermédio de Maria” por ela acha-se o que se busca e não se pode ser desatendido”.

VII) Santa Teresinha de Lisieux

“Às vezes surpreendo-me à dizer a Santíssima Virgem: sabeis que me considero mais feliz do que vós? Tenho-vos como mãe, e não tendes como eu uma Santíssima Virgem para amar!... Somos, pois, mais ricos do que vós”.

“Quando fazemos uma súplica a Maria e ela não nos atende, é sinal de que tem motivos para não fazê-lo; deixemo-la agir a seu modo. Não nos atormentemos”.

VIII) Santo Afonso de Ligório

Ressalta as virtudes de Maria:

- Humildade:

- o humilde possui um modesto conceito de si mesmo;

- oculta os dons celestiais;
- recusa os louvores, referindo-os todos a Deus;
- presta serviços;
- gosta de uma vida retirada e despercebida;
- ama finalmente os desprezos.
- Caridade para com Deus:
 - ama a Deus sobre tudo;
 - seu coração ardia, completa e totalmente, no amor divino e dele estava inebriada;
 - nem mesmo o sono impedia-lhe de amar o seu Criador;
 - nada exige de seus servos, senão que ame a Deus tanto quanto possível.
- É uma mulher de
 - fé;
 - esperança;
 - castidade e pureza;
 - pobreza;
 - obediência;
 - paciência;
 - espírito de oração.

IX) Santo Irineu

“O dano que Eva causou com sua incredulidade. Maria o reparou com sua fé”.

X) Tertuliano

“Eva deu crédito à serpente, em oposição à palavra de Deus e com isso trouxe a morte; nossa Rainha, ao invés, crendo na palavra do anjo, segundo a qual devia ser a Mãe do Senhor e permanecer virgem, gerou ao mundo a salvação”.



PARTE 2

O PAPEL DE MARIA NA IGREJA

3. *Maria e a Igreja*

3.1 A Presença de Maria na Origem da Igreja

▶ Os Padres do Concílio Vaticano II depois de terem exposto a doutrina sobre a realidade histórico salvífica do Povo de Deus, quiseram completá-la com a ilustração do papel de Maria na obra da salvação:

O capítulo VIII da Constituição conciliar *Lumen Gentium*:

- ☞ tem o objetivo não só de ressaltar a validade eclesiológica da doutrina mariana;
- ☞ pôr em evidência também contribuição que a figura da Bem-aventurada Virgem oferece à compreensão do mistério da Igreja.

▶ Na origem da Igreja, descrita nos Atos dos Apóstolos, Lucas, no início deste escrito neo-testamentário, apresenta a vida da primeira comunidade cristã, e depois de ter recordado singularmente os nomes dos Apóstolos (1,13), afirma:

“Todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, em companhia de algumas mulheres, entre as quais Maria, a Mãe de Jesus e de Seus irmãos” (1,14).

▶ Sobressai a pessoa de Maria, a única que é recordada com o próprio nome: representa um rosto da Igreja diverso e complementar, em relação ao rosto ministerial ou hierárquico.

▶ Lucas refere à importância da contribuição feminina para a vida da Igreja e esta presença é colocada em estreita relação com a perseverança da comunidade na oração e com a concórdia:

“Bendita és tu entre as mulheres” (Lc 1,42)

- ☞ Maria exerce de modo eminente esta missão feminina:
Quem, melhor do que Maria, favorece em todos os crentes a perseverança na oração, promove a concórdia e o amor?

▶ A presença de Maria na comunidade, que espera em oração a efusão do Espírito (cf. At 1,14), evoca a parte que ela teve na encarnação do Filho de Deus, por obra do Espírito Santo (cf. Lc 1,35).

▶ O papel da Virgem naquela fase inicial e a função que ela exerce agora, na manifestação da Igreja no Pentecostes, estão intimamente ligados.

▶ A presença de Maria nos primeiros momentos da vida da Igreja é posta em singular evidência pelo confronto com a participação bastante discreta durante a vida pública de Jesus.

- ▶ Quando o Filho inicia a sua missão, Maria permanece em Nazaré: essa separação não exclui contatos significativos, como em Caná, e não a impedia de participar no sacrifício do Calvário.
- ▶ Na primeira comunidade, ao contrário, o papel de Maria assume relevância notável: depois da Ascensão e à espera do Pentecostes, a Mãe de Jesus está presente pessoalmente nos primeiros passos da obra iniciada pelo Filho.
- ▶ Os Atos dos Apóstolos ressaltam que Maria se encontrava no Cenáculo “*com os irmãos de Jesus*” (At 1,14):
 - ☞ a família natural de Jesus, sob a guia de Maria, veio fazer parte da família espiritual de Cristo: “*Aquele que fizer a vontade de Deus esse é que é Meu irmão, Minha irmã e Minha mãe*” (Mc 3,35).
- ▶ Lucas qualifica explicitamente Maria como “*a mãe de Jesus*” (At 1,14),
 - ☞ sugere que algo da presença do Filho, que subiu ao céu, permanece na presença da mãe: ela recorda o rosto de Jesus e é, com a sua presença no meio da Comunidade, o sinal da fidelidade da Igreja a Cristo Senhor.
- ▶ Desde o início Maria exerce o seu papel de “Mãe da Igreja”: a sua ação favorece o entendimento entre os Apóstolos (Lucas os apresenta ‘unidos’ e muito distantes das disputas que por vezes tinham surgido entre eles).
- ▶ Maria exerce a sua maternidade para com a comunidade dos crentes:
 - ☞ orando a fim de obter para a Igreja os dons do Espírito Santo, necessários para a sua formação e o seu futuro;
 - ☞ educando os discípulos para a constante comunhão com Deus.
- ▶ Ela torna-se educadora do povo cristão para:
 - ☞ a oração,
 - ☞ o encontro com Deus, elemento central e indispensável para que a obra dos Pastores e dos fiéis tenha sempre no Senhor o seu início e a sua motivação profunda.
- ▶ A relação entre Maria e a Igreja constitui um confronto fascinante entre duas mães:
 - ☞ ela revela com clareza a missão materna de Maria e motiva a Igreja a procurar sempre a sua verdadeira identidade na contemplação do rosto da *Theotokos*.

Texto 1: A Presença de Maria na Origem da Igreja

1. Depois de me ter detido nas catequeses precedentes e aprofundar a identidade e a missão da Igreja, sinto agora a necessidade de dirigir o olhar para a Bem-aventurada Virgem, Aquela que realizou perfeitamente a sua santidade e constitui-lhe o modelo.

É quanto fizeram os próprios Padres do Concílio Vaticano II: depois de terem exposto a doutrina sobre a realidade histórico salvífica do Povo de Deus, quiseram completá-la com a ilustração do papel de Maria na obra da salvação. O

capítulo VIII da Constituição conciliar *Lumen Gentium* com efeito, tem o objetivo não só de ressaltar a validade eclesiológica da doutrina mariana, mas de pôr em evidência também o contributo que a figura da Bem-aventurada Virgem oferece à compreensão do mistério da Igreja.

2. Antes de expor o itinerário mariano, do Concílio, desejo dirigir um olhar contemplativo a Maria, tal como, na origem da Igreja, é descrita nos Atos dos Apóstolos. Lucas, no início deste escrito neo-testamentário, que apresenta a vida da primeira comunidade cristã, depois de ter recordado singularmente os nomes dos Apóstolos (1,13) afirma: 'Todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, em companhia de algumas mulheres, entre as quais Maria, a Mãe de Jesus e de Seus irmãos'(1,14).

Neste quadro sobressai a pessoa de Maria, a única que é recordada com o próprio nome, além dos apóstolos, ela representa um rosto da Igreja diverso e complementar, em relação ao rosto ministerial ou hierárquico.

3. A frase de Lucas, com efeito, refere a presença no Cenáculo, de algumas mulheres, manifestando assim a importância do contributo feminino para a vida da Igreja, desde os primórdios. Esta presença é colocada em estreita relação com a perseverança da comunidade na oração e com a concórdia. Estes traços exprimem perfeitamente dois aspectos fundamentais da contribuição específica das mulheres para a vida eclesial. Mais propensos à atividade externa, os homens têm necessidade da ajuda das mulheres, para serem levados às relações pessoais e para progredirem rumo a união dos corações. 'Bendita és tu entre as mulheres' (Lc.1,42). Maria exerce de modo eminente esta missão feminina. Quem, melhor do que Maria, favorece em todos os crentes a perseverança na oração? Quem promove, melhor do que ela, a concórdia e o amor?

Reconhecendo a missão pastoral confiada por Jesus aos Onze, as mulheres do Cenáculo, com Maria no meio delas, unem-se à oração deles e testemunham, ao mesmo tempo, a presença na Igreja de pessoas que, embora não tenham recebido essa missão, são igualmente membros, a pleno título, da comunidade reunida na fé em Cristo.

4. A presença de Maria na comunidade, que espera em oração a efusão do Espírito (cf. At. 1,14), evoca a parte que ela teve na encarnação do Filho de Deus, por obra do Espírito Santo (cf. Lc. 1,35). O papel da Virgem naquela fase inicial e a função que ela exerce agora, na manifestação da Igreja no Pentecostes, estão intimamente ligados. A presença de Maria nos primeiros momentos da vida da Igreja é posta em singular evidência pelo confronto com a participação bastante discreta, que Ela teve precedentemente, durante a vida pública de Jesus. Quando o Filho inicia a sua missão, Maria permanece em Nazaré, ainda que essa separação não exclua contatos significativos, como em Caná, e, sobretudo, não a impeça de participar no sacrifício do Calvário. Na primeira comunidade, ao contrário, o papel de Maria assume relevância notável. Depois da Ascensão e à espera do Pentecostes, a Mãe de Jesus está presente pessoalmente nos primeiros passos da obra iniciada pelo Filho.

5. Os Atos dos Apóstolos ressaltam que Maria se encontrava no Cenáculo 'com os irmãos de Jesus' (At. 1,14), isto é, com os seus parentes, como sempre tem interpretado a tradição eclesial: não se trata tanto de uma reunião de família quanto do fato que, sob a guia de Maria a família natural de Jesus veio a fazer parte da família espiritual de Cristo: 'Aquele que fizer a vontade de Deus' disse Jesus 'esse é que é Meu irmão, Minha irmã e Minha mãe' (Mc. 3,35). Na mesma circunstância, Lucas qualifica explicitamente Maria como 'a mãe de Jesus' (At.

1,14), como que a querer sugerir que algo da presença do Filho, que subiu ao céu, permanece na presença da mãe. Ela recorda aos discípulos o rosto de Jesus e é, com a sua presença no meio da Comunidade, o sinal da fidelidade da Igreja a Cristo Senhor. O título de 'Mãe', neste contexto anuncia a atitude de proximidade solícita, com que a Virgem seguirá a vida da Igreja. Maria abriu-lhe-á o seu coração para manifestar as maravilhas operadas nela por Deus onipotente e misericordioso.

Desde o início Maria exerce o seu papel de 'Mãe da Igreja': a sua ação favorece o entendimento entre os Apóstolos, que Lucas apresenta 'unidos' e muito distantes das disputas que por vezes tinham surgido entre eles. Maria exerce, por fim, a sua maternidade para com a comunidade dos crentes, não só orando a fim de obter para a Igreja os dons do Espírito Santo, necessários para a sua formação e o seu futuro, mas educando, além disso, os discípulos do Senhor para a constante comunhão com Deus. Ela torna-se deste modo educadora do povo cristão para a oração, para o encontro com Deus, elemento central e indispensável para que a obra dos Pastores e dos fiéis tenha sempre no Senhor o seu início e a sua motivação profunda.

6. Destas breves considerações emerge claramente como a relação entre Maria e a Igreja constitui um confronto fascinante entre duas mães. Ela revela-nos com clareza a missão materna de Maria, e empenha a Igreja a procurar sempre a sua verdadeira identidade na contemplação do rosto da *Theotokos* (em grego significa Mãe de Deus).

Do Livro: A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa João Paulo II (referência [19])

3.2. Maria na vida da Igreja e de cada cristão

▶ O Concílio Vaticano II, situando-se na linha da Tradição, projetou uma nova luz sobre o papel da Mãe de Cristo na vida da Igreja:

“A bem-aventurada Virgem Maria ... pelo dom da maternidade divina, que a une com o seu Filho Redentor, e ainda pelas suas graças e funções singulares, encontra-se também intimamente unida à Igreja: a Mãe de Deus é a figura da Igreja... e isso, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo” (117).

▶ Maria permanece desde o princípio com os Apóstolos, enquanto esperam o Pentecostes.

▶ Sendo a “feliz porque acreditou”, de geração em geração ela está presente no meio da Igreja que faz a sua peregrinação na fé, sendo para ela igualmente modelo da esperança que não decepciona (cf. Rom 5, 5).

▶ Maria acreditou que se cumpriram aquelas coisas que lhe tinham sido ditas da parte do Senhor:

- ☞ como Virgem, acreditou que conceberia e daria à luz um filho: o “Santo”, ao qual corresponde o nome de “Filho de Deus”, o nome de “Jesus” (= Deus que salva);
- ☞ como serva do Senhor, permaneceu perfeitamente fiel à pessoa e à missão deste seu Filho,
- ☞ como Mãe, *“pela sua fé e obediência... gerou na terra o próprio Filho de Deus, sem ter conhecido homem, mas por obra e graça do Espírito Santo”* (CV, 118)

▶ Maria “é com razão honrada pela Igreja com culto especial; (...) já desde os tempos mais antigos, a Santíssima Virgem é venerada com o título de “Mãe de Deus” e sob a sua proteção se acolhem os fiéis, que a imploram em todos os perigos e necessidades” (CV, 119)

- ▶ Vínculo profundo que existe entre a Mãe de Cristo e a Igreja:
 - ☞ como virgem e mãe, Maria permanece um “modelo perene” para a Igreja;
 - ☞ como “figura”, Maria, presente no mistério de Cristo, permanece também constantemente presente no mistério da Igreja;
 - ☞ também a Igreja “é chamada mãe e virgem”; e estes nomes têm profunda justificação bíblica e teológica (CV, 121).

▶ A Igreja “torna-se mãe ... pela fiel recepção da palavra de Deus” (CV, 122)

- ▶ Como Maria,

“que foi a primeira a acreditar, acolhendo a palavra de Deus que lhe foi revelada na Anunciação e a ela permanecendo fiel em todas as provações até à Cruz, assim também a Igreja se torna mãe quando, acolhendo com fidelidade a palavra de Deus, pela pregação e pelo batismo, gera para uma vida nova e imortal os filhos, concebidos por obra do Espírito Santo e nascidos de Deus” (CV, 123).

▶ A Igreja, em certo sentido, apreende de Maria também o que é a própria maternidade: ela reconhece esta dimensão maternal da própria vocação, como algo ligado essencialmente à sua natureza sacramental, *“contemplando a sua santidade misteriosa, imitando a sua caridade e cumprindo fielmente a vontade do Pai”* (CV, 124)

▶ O fato de a Igreja ser sinal e instrumento da íntima união com Deus tem a sua base na maternidade que lhe é própria: porque, vivificada pelo Espírito Santo, “gera” filhos e filhas da família humana para uma vida nova em Cristo.

▶ Como Maria está ao serviço do mistério da Encarnação, também a Igreja permanece ao serviço do mistério da adoção como filhos mediante a graça.

▶ A exemplo de Maria, a Igreja permanece a virgem fiel ao próprio Esposo: “Também ela é virgem, que guarda íntegra e pura a fé jurada ao Esposo” (CV, 125)

▶ A Igreja é a esposa de Cristo, como resulta das Cartas paulinas (cf. Ef 5, 21-33; 2 Cor 11, 2) e da maneira como São João a designa: “a Esposa do Cordeiro” (Ap 21, 9).

- ▶ A Igreja guarda também a fé recebida de Cristo: a exemplo de Maria, que guardava e meditava no seu coração (cf. Lc 2, 19. 51) tudo o que dizia respeito ao seu divino Filho, ela está empenhada em guardar a Palavra de Deus, apurando as suas riquezas com discernimento e prudência, para dar sempre da mesma, ao longo dos tempos, testemunho fiel a todos os homens.
- ▶ A Igreja descobre-se em Maria e procura tornar-se semelhante a ela: “*A imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, conserva virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança e sincera a caridade*”.
- ▶ O mistério da Igreja consiste também em gerar os homens para uma vida nova e imortal:
 - ☞ Maria “*coopera com amor de mãe para a regeneração e formação*” dos filhos e filhas da mãe Igreja.
- ▶ Jesus, na hora da Cruz, disse à sua Mãe: “*Mulher, eis o teu filho*”, e ao discípulo: “*Eis a tua mãe*” (Jo 19, 26-27).
 - ☞ palavras que determinam o lugar de Maria na vida dos discípulos de Cristo e exprimem a sua nova maternidade como Mãe do Redentor: a maternidade espiritual, que nasceu do mais íntimo do mistério pascal do Redentor do mundo.

Texto 2: *Maria na vida da Igreja e de cada cristão*

42. O Concílio Vaticano II, situando-se na linha da Tradição, projetou uma nova luz sobre o papel da Mãe de Cristo na vida da Igreja. «A bem-aventurada Virgem Maria ... pelo dom da maternidade divina, que a une com o seu Filho Redentor, e ainda pelas suas graças e funções singulares, encontra-se também intimamente unida à Igreja: a Mãe de Deus é a figura da Igreja... e isso, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo». (117) Já vimos anteriormente que Maria permanece desde o princípio com os Apóstolos, enquanto esperam o Pentecostes, e que, sendo a «feliz porque acreditou», de geração em geração ela está presente no meio da Igreja que faz a sua peregrinação na fé, sendo para ela igualmente modelo da esperança que não decepciona (cf. Rom 5, 5). Maria acreditou que se cumpririam aquelas coisas que lhe tinham sido ditas da parte do Senhor. Como Virgem, acreditou que conceberia e daria à luz um filho: o «Santo», ao qual corresponde o nome de «Filho de Deus», o nome de «Jesus» (= Deus que salva). Como serva do Senhor, permaneceu perfeitamente fiel à pessoa e à missão deste seu Filho. Como Mãe, «pela sua fé e obediência... gerou na terra o próprio Filho de Deus, sem ter conhecido homem, mas por obra e graça do Espírito Santo». (118) Por estes motivos «Maria ... é com razão honrada pela Igreja com culto especial; ... já desde os tempos mais antigos, a Santíssima Virgem é venerada com o título de «Mãe de Deus» e sob a sua proteção se acolhem os fiéis, que a imploram em todos os perigos e necessidades», (119) Este culto é absolutamente singular: contém em si e exprime aquele vínculo profundo que existe entre a Mãe de Cristo e a Igreja. (120) Como virgem e mãe, Maria permanece um «modelo perene» para a Igreja. Pode, portanto, dizer-se que

sobretudo sob este aspecto, isto é, como modelo ou, melhor, como «figura», Maria, presente no mistério de Cristo, permanece também constantemente presente no mistério da Igreja. Com efeito, também a Igreja «é chamada mãe e virgem»; e estes nomes têm profunda justificação bíblica e teológica. (121) 43. A Igreja «torna-se mãe ... pela fiel recepção da palavra de Deus» (122) Como Maria, que foi a primeira a acreditar, acolhendo a palavra de Deus que lhe foi revelada na Anunciação e a ela permanecendo fiel em todas as provações até à Cruz, assim também a Igreja se torna mãe quando, acolhendo com fidelidade a palavra de Deus, pela pregação e pelo batismo, gera para uma vida nova e imortal os filhos, concebidos por obra do Espírito Santo e nascidos de Deus». (123) Esta característica «materna» da Igreja foi expressa dum modo particularmente vívido pelo Apóstolo das Gentes, quando escreveu: «Meus filhinhos, por quem sofro novamente as dores de parto, até que Cristo não se tenha formado em vós»! (Gl 4, 19). Nestas palavras de São Paulo está contida uma indicação interessante: da consciência que tinha a Igreja primitiva da função maternal, que andava ligada ao seu serviço apostólico entre os homens. Tal consciência permitia e constantemente permite à Igreja encarar o mistério da sua vida e da sua missão à luz do exemplo da Genetrix do Filho de Deus, que é «o primogênito entre muitos irmãos» (Rom 8, 29). A Igreja, em certo sentido, apreende de Maria também o que é a própria maternidade: ela reconhece esta dimensão maternal da própria vocação, como algo ligado essencialmente à sua natureza sacramental, «contemplando a sua santidade misteriosa, imitando a sua caridade e cumprindo fielmente a vontade do Pai». (124) O fato de a Igreja ser sinal e instrumento da íntima união com Deus tem a sua base na maternidade que lhe é própria: porque, vivificada pelo Espírito Santo, «gera» filhos e filhas da família humana para uma vida nova em Cristo. Com efeito, assim como Maria está ao serviço do mistério da Encarnação, também a Igreja permanece ao serviço do mistério da adoção como filhos mediante a graça. Ao mesmo tempo, a exemplo de Maria, a Igreja permanece a virgem fiel ao próprio Esposo: «Também ela é virgem, que guarda íntegra e pura a fé jurada ao Esposo», (125) A Igreja, de fato, é a esposa de Cristo, como resulta das Cartas paulinas (cf. Ef 5, 21-33; 2 Cor 11, 2) e da maneira como São João a designa: «a Esposa do Cordeiro» (Ap 21, 9). Se a Igreja como esposa «guarda a fé jurada a Cristo», esta fidelidade, embora no ensino do Apóstolo se tenha tornado imagem do matrimônio (cf. Ef 5, 23-33), possui também o valor de ser o tipo da total doação a Deus no celibato «por amor do Reino dos céus», ou seja, da virgindade consagrada a Deus (cf. Mt 19, 11-12; 2 Cor 11, 2). Esta virgindade precisamente, a exemplo da Virgem de Nazaré, é fonte de uma especial fecundidade espiritual: é fonte da maternidade no Espírito Santo. Mas a Igreja guarda também a fé recebida de Cristo: a exemplo de Maria, que guardava e meditava no seu coração (cf. Lc 2, 19. 51) tudo o que dizia respeito ao seu divino Filho, ela está empenhada em guardar a Palavra de Deus, apurando as suas riquezas com discernimento e prudência, para dar sempre da mesma, ao longo dos tempos, testemunho fiel a todos os homens.

44. Existindo esta relação de exemplaridade, a Igreja descobre-se em Maria e procura tornar-se semelhante a ela: «A imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, conserva virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança e sincera a caridade» Maria está presente, portanto, no mistério da Igreja como modelo. Mas o mistério da Igreja consiste também em gerar os homens para uma vida nova e imortal: é a sua maternidade no Espírito Santo. E nisto, Maria não é só modelo e figura da Igreja; mas é muito mais do que isso. Com efeito, «ela coopera

com amor de mãe para a regeneração e formação» dos filhos e filhas da mãe Igreja. A maternidade da Igreja realiza-se não só segundo o modelo e a figura da Mãe de Deus, mas também com a sua «cooperação». A Igreja vai haurir copiosamente nesta cooperação de Maria, isto é, na mediação materna que é característica de Maria, no sentido de que já na terra ela cooperou na regeneração e formação dos filhos e das filhas da Igreja, sempre como Mãe daquele Filho» que Deus constituiu o primogênito entre muitos irmãos». Para isto «cooperou como ensina o Concílio Vaticano II ´ com amor de mãe. Descobre-se aqui o valor real das palavras de Jesus, na hora da Cruz, à sua Mãe: «Mulher, eis o teu filho», e ao discípulo: «Eis a tua mãe» (Jo 19, 26´27). São palavras que determinam o lugar de Maria na vida dos discípulos de Cristo e exprimem — como já disse — a sua nova maternidade como Mãe do Redentor: a maternidade espiritual, que nasceu do mais íntimo do mistério pascal do Redentor do mundo. Trata-se de uma maternidade na ordem da graça, porque invoca o dom do Espírito Santo que suscita os novos filhos de Deus, remidos pelo sacrifício de Cristo: daquele mesmo Espírito que, conjuntamente com a Igreja, também Maria recebeu no dia do Pentecostes. Esta sua maternidade é particularmente advertida e vivida pelo povo cristão no Banquete sagrado ´celebração litúrgica do mistério da Redenção´ no qual se torna presente Cristo, no seu verdadeiro Corpo nascido da Virgem Maria. Com boa razão, pois, a piedade do povo cristão vislumbrou sempre uma ligação profunda entre a devoção à Virgem Santíssima e o culto da Eucaristia: pode comprovar-se este fato, na liturgia, tanto ocidental como oriental, na tradição das Famílias religiosas, na espiritualidade dos movimentos contemporâneos, mesmo dos movimentos juvenis, e na pastoral dos santuários marianos. Maria conduz os fiéis à Eucaristia.

Referência [16]

3.3. Influência da Virgem Maria na vida da Igreja

1. Imensa riqueza espiritual que Maria comunica à Igreja, com o seu exemplo e a sua intercessão.

▶ Maria precedeu-nos na via da fé:

☞ é audaz a sua fé, que na Anunciação crê no humanamente impossível e em Caná impele Jesus a realizar o primeiro milagre, provocando a manifestação dos seus poderes messiânicos (cf. Jo. 2,1-5);

☞ Maria educa os cristãos a viverem a fé como caminho empenhativo e envolvente, que, em todas as épocas e situações da vida, requer audácia e perseverança constante.

2. A fé de Maria está ligada à sua docilidade à vontade divina:

▶ A presença da Virgem na Igreja encoraja assim os cristãos a porem-se cada dia à escuta da Palavra do Senhor, para compreenderem o seu plano de amor nas diversas vicissitudes quotidianas, cooperando com fidelidade para a sua realização.

3. Maria educa a comunidade dos crentes para olhar rumo ao futuro, com pleno abandono em Deus, com esperança:

- ▶ a comunidade dos crentes sabe que pode contar com o auxílio da 'Mãe da Esperança' que, tendo experimentado a vitória de Cristo sobre as potências da morte, lhe comunica uma capacidade sempre nova de espera do futuro de Deus e de abandono às promessas do Senhor.

4. O exemplo de Maria faz com que a Igreja aprecie melhor o valor do silêncio:

- ▶ sobriedade no falar;
- ▶ capacidade sapiencial de fazer memória e de acolher, num olhar de fé, o mistério do Verbo feito homem e os eventos da sua existência terrena;
- ▶ em um mundo cheio de confusão e de mensagens de todo o gênero, o seu testemunho faz apreciar um silêncio espiritualmente rico e promove o espírito contemplativo;
- ▶ Maria testemunha o valor de uma existência humilde e escondida:

- ☞ Os Evangelhos referem em várias ocasiões que os Apóstolos ambicionavam os primeiros lugares no reino (cf. Mt 18,1-5; 20, 20-28; Mc 9,33-37; 10,35-45; Lc 9,46-48; 22,24-27).

- ☞ Maria jamais desejou as honras e vantagens de uma posição privilegiada; procurou sempre cumprir a vontade divina, levando uma existência segundo o plano salvífico do Pai.

5. Maria testemunha o valor de uma vida pura e repleta de ternura por todos os homens:

- ▶ a beleza da sua alma, totalmente doada ao Senhor, é objeto de admiração para o povo cristão;
- ▶ em Maria a comunidade viu sempre um ideal de mulher, cheia de amor e de ternura, porque viveu na pureza do coração e da carne.

6. Aos cristãos de todos os tempos, Maria mostra-se como aquela que prova uma viva compaixão pelos sofrimentos da humanidade:

- ▶ ajuda eficaz e concreta diante das misérias materiais e morais da humanidade;
- ▶ A Igreja é chamada a assumir uma atitude idêntica para com os pobres e todos os sofredores da terra;
- ▶ os cristãos devem procurar multiplicar os sinais concretos e visíveis de um amor que faça os humildes e os sofredores de hoje participarem nas promessas e esperanças do mundo novo.

7. Maria quer a união de todos os seus filhos:

- ▶ a sua presença na Igreja constitui um convite a conservar a unanimidade de coração, que reinava na primeira comunidade (cf. At. 1,14);
- ▶ a procurar as vias da unidade e da paz entre todos os homens e todas as mulheres, em vista da construção da civilização do amor, superando as tendências à divisão, às tentações da vingança e do ódio, e à fascinação perversa da violência.

8. Acolhendo na Anunciação o convite do anjo a alegrar-se (Káire=alegra-te: Lc 1,28):

- ▶ Maria é a primeira a participar na alegria messiânica, já predita pelos profetas para a 'filha de Sião' (cf. Is 12,6; Sof 3,14.15; Zac 9,8), e transmite-a à humanidade de todos os tempos.

Texto 3: *Influência da Virgem Maria na vida da Igreja*

1. Depois de ter refletido sobre a dimensão Mariana na vida eclesial, dispomo-nos agora a pôr em evidência a imensa riqueza espiritual que Maria comunica à Igreja, com o seu exemplo e a sua intercessão.

Desejamos, antes de mais, deter-nos a considerar brevemente alguns aspectos significativos da personalidade de Maria, que oferecem a cada fiel indicações preciosas para acolher e realizar plenamente a própria vocação.

Maria precedeu-nos na via da fé: crendo na mensagem do anjo, ela é a primeira a acolher, e de modo perfeito, o mistério da Encarnação (cf. *Redemptoris Mater*, 13). O seu itinerário de crente inicia ainda antes do princípio da maternidade divina e desenvolve-se e aprofunda-se durante toda a sua experiência terrena. É audaz a sua fé, que na Anunciação crê no humanamente impossível e em Caná impele Jesus a realizar o primeiro milagre, provocando a manifestação dos seus poderes messiânicos (cf. Jo. 2,1'5). Maria educa os cristãos a viverem a fé como caminho empenhativo e envolvente, que, em todas as épocas e situações da vida, requer audácia e perseverança constante.

2. A fé de Maria está ligada à sua docilidade à vontade divina. Crendo na Palavra de Deus, pôde acolhê-la plenamente na sua existência e, mostrando-se disponível ao soberano desígnio divino, aceitou tudo o que lhe era requerido do Alto. A presença da Virgem na Igreja encoraja assim os cristãos a porem-se cada dia à escuta da Palavra do Senhor, para compreenderem o seu plano de amor nas diversas vicissitudes quotidianas, cooperando com fidelidade para a sua realização.

3. Desse modo, Maria educa a comunidade dos crentes para olhar rumo ao futuro, com pleno abandono em Deus. Na experiência pessoal da Virgem, a esperança enriquece-se de motivações sempre novas. Desde a Anunciação, Maria concentra no Filho de Deus, encarnado no seu seio virginal, as expectativas do antigo Israel. A sua esperança revigora-se nas fases sucessivas da vida de Nazaré e do ministério público de Jesus. A sua grande fé na palavra de Cristo que tinha anunciado a sua ressurreição ao terceiro dia, não a fez vacilar nem sequer diante do drama da Cruz: ela conservou a esperança no cumprimento da obra messiânica, esperando sem hesitações, depois das trevas da Sexta-Feira Santa, a manhã da ressurreição.

No seu difícil peregrinar na história, entre o 'já' da salvação recebida e o 'não ainda' da sua plena realização, a comunidade dos crentes sabe que pode contar com o auxílio da 'Mãe da Esperança' que, tendo experimentado a vitória de Cristo sobre as potências da morte, lhe comunica uma capacidade sempre nova de espera do futuro de Deus e de abandono às promessas do Senhor.

4. O exemplo de Maria faz com que a Igreja aprecie melhor o valor do silêncio. O silêncio de Maria não é só sobriedade no falar, mas, sobretudo, capacidade sapiencial de fazer memória e de acolher, num olhar de fé, o mistério do Verbo feito homem e os eventos da sua existência terrena. É este silêncio-acolhimento da Palavra, esta capacidade de meditar no mistério de Cristo, que

Maria transmite ao povo crente. Em um mundo cheio de confusão e de mensagens de todo o gênero, o seu testemunho faz apreciar um silêncio espiritualmente rico e promove o espírito contemplativo.

Maria testemunha o valor de uma existência humilde e escondida. Normalmente todos exigem, e por vezes pretendem, poder valorizar inteiramente a própria pessoa e as próprias qualidades. Todos são sensíveis à estima e à honra. Os Evangelhos referem em várias ocasiões que os Apóstolos ambicionavam os primeiros lugares no reino, discutiam entre si quem era o maior e que Jesus lhes teve de dar, quanto a isto, lições sobre a necessidade da humildade e do serviço (cf. Mt. 18,1'5; 20, 20'28; Mc. 9,33'37; 10,35'45; Lc. 9,46'48; 22,24'27). Maria, ao contrário, jamais desejou as honras e vantagens de uma posição privilegiada; procurou sempre cumprir a vontade divina, levando uma existência segundo o plano salvífico do Pai.

A quantos não raro sentem o peso duma existência aparentemente insignificante, Maria manifesta quanto pode ser preciosa a vida, se é vivida por amor de Cristo e dos irmãos.

5. Maria, além disso, testemunha o valor duma vida pura e repleta de ternura por todos os homens. A beleza da sua alma, totalmente doada ao Senhor, é objeto de admiração para o povo cristão. Em Maria a comunidade viu sempre um ideal de mulher, cheia de amor e de ternura, porque viveu na pureza do coração e da carne. Perante o cinismo duma certa cultura contemporânea que, muitas vezes, parece não reconhecer o valor da castidade e banaliza a sexualidade, separando-a da dignidade da pessoa e do projeto de Deus, a Virgem Maria propõe o testemunho duma pureza que ilumina a consciência e conduz a um amor maior pelas criaturas e pelo Senhor.

6. E ainda: aos cristãos de todos os tempos, Maria mostra-se como aquela que prova uma viva compaixão pelos sofrimentos da humanidade. Essa compaixão não consiste somente numa participação afetiva, mas traduz-se numa ajuda eficaz e concreta diante das misérias materiais e morais da humanidade. A Igreja, seguindo Maria, é chamada a assumir uma atitude idêntica para com os pobres e todos os sofredores da terra. A atenção materna da Mãe do Senhor às lágrimas, às dores e às dificuldades dos homens e das mulheres de todos os tempos, deve estimular os cristãos, de modo particular ao aproximar-se do terceiro milênio, a multiplicar os sinais concretos e visíveis dum amor que faça os humildes e os sofredores de hoje participarem nas promessas e esperanças do mundo novo, que nasce da Páscoa.

7. O afeto e a devoção dos homens para com a Mãe de Jesus ultrapassam os confins visíveis da Igreja e impelem os ânimos a sentimentos de reconciliação. Como uma Mãe, Maria quer a união de todos os seus filhos. A sua presença na Igreja constitui um convite a conservar a unanimidade de coração, que reinava na primeira comunidade (cf. At. 1,14) e, por conseguinte, a procurar também as vias da unidade e da paz entre todos os homens e todas as mulheres de boa vontade.

Na sua intercessão junto do Filho, Maria pede a graça da unidade do gênero humano, em vista da construção da civilização do amor, superando as tendências à divisão, às tentações da vingança e do ódio, e à fascinação perversa da violência.

8. O sorriso materno da Virgem, reproduzido em boa parte na iconografia mariana, manifesta uma plenitude de graça e de paz que quer comunicar-se. Essa manifestação de serenidade do espírito contribui de modo eficaz para conferir um rosto jubiloso à Igreja.

Acolhendo na Anunciação o convite do anjo a alegrar-se (Káire=alegra-te: Lc. 1,28), Maria é a primeira a participar na alegria messiânica, já predita pelos profetas para a ‘filha de Sião’ (cf. Is. 12,6; Sof. 3,14-15; Zac. 9,8), e transmite-a à humanidade de todos os tempos.

O povo cristão, invocando-a como ‘*causa nostrae laetitiae*’, descobre nela a capacidade de comunicar a alegria que nasce da esperança mesmo no meio das provas da vida e de guiar quem a ela se confia para a alegria que não terá fim.

Do Livro: A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa João Paulo II
Referência [19]

3.4. Maria é a Mãe da Igreja

▶ Por ser a Mãe de Cristo, Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo Místico, Maria é também Mãe da Igreja.

▶ Durante o Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI declarou solenemente que:
“Maria é Mãe da Igreja, isto é, Mãe de todo o povo Cristão, tanto dos fiéis como dos pastores” (21/11/1964).

▶ Em 30/06/1968, no Credo do Povo de Deus, ele repetiu essa verdade de forma ainda mais forte:

“Nós acreditamos que a Santíssima Mãe de Deus, nova Eva, Mãe da Igreja, continua no Céu a sua missão maternal em relação aos membros de Cristo, cooperando no nascimento e desenvolvimento da vida divina nas almas dos remidos”.

▶ A presença da Virgem Maria é tão forte e indissociável do mistério de Cristo e da Igreja, que Paulo VI no discurso de 21/11/1964 afirmou que:

“O conhecimento da verdadeira doutrina católica sobre a Bem-aventurada Virgem Maria continuará sempre uma chave para a compreensão exata do mistério de Cristo e da Igreja”.

▶ Conhecer Maria “segundo a doutrina católica” é conhecer Jesus e a Igreja, pois Maria foi peça chave, indispensável, no Plano de Deus para a Redenção da humanidade.

“Na plenitude dos tempos, Deus mandou o seu Filho, nascido de uma mulher,... para que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4,4).

Ou como diz o Símbolo NicenoConstantinopolitano, falando de Jesus:

“O qual, por amor de nós homens e para nossa salvação desceu dos céus e se encarnou pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria”.

▶ O último santo concílio repete as palavras de Santo Agostinho:

“Verdadeiramente mãe dos membros de Cristo ... porque com o seu amor colaborou para que na Igreja nascessem os fiéis, que são membros daquela Cabeça”.

E mais:

“Por esta razão é também saudada como membro supereminente e absolutamente singular da Igreja, e também como seu protótipo e modelo acabado da mesma, na fé, e na caridade; e a Igreja católica, guiada pelo Espírito Santo, honra-a como Mãe amantíssima, dedicando-lhe afeto de piedade filial” (LG, 53).

E o Sagrado Concílio reconhece que Maria:

“... na Santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós” (LG, 54).

▶ Foi ela quem deu a carne ao Filho de Deus, para que *“mediante os mistérios da carne libertasse o homem do pecado” (LG 55).*

▶ Como diziam os Santos Padres:

“Maria não foi instrumento meramente passivo nas mãos de Deus, mas cooperou na salvação dos homens com fé livre e com inteira obediência” (LG 56). “Quis, porém, o Pai das misericórdias que a Encarnação fosse precedida da aceitação por parte da Mãe predestinada, a fim de que, assim como uma mulher tinha contribuído para a morte, também outra mulher contribuísse para a vida” (idem).

Texto 4: Maria é a Mãe da Igreja

Por ser a Mãe de Cristo, Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo Místico, Maria é também Mãe da Igreja. Durante o Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI declarou solenemente que: *“Maria é Mãe da Igreja, isto é, Mãe de todo o povo Cristão, tanto dos fiéis como dos pastores” (21/11/64).*

Em 30/06/68, no Credo do Povo de Deus, ele repetiu essa verdade de forma ainda mais forte: *“Nós acreditamos que a Santíssima Mãe de Deus, nova Eva, Mãe da Igreja, continua no Céu a sua missão maternal em relação aos membros de Cristo, cooperando no nascimento e desenvolvimento da vida divina nas almas dos remidos”.*

A presença da Virgem Maria é tão forte e indissociável do mistério de Cristo e da Igreja, que Paulo VI no discurso de 21/11/64 afirmou que: *“O conhecimento da verdadeira doutrina católica sobre a Bem-aventurada Virgem Maria continuará sempre uma chave para a compreensão exata do mistério de Cristo e da Igreja”.*

Conhecer Maria “segundo a doutrina católica” é conhecer Jesus e a Igreja, pois Maria foi peça chave, indispensável, no Plano de Deus para a Redenção da humanidade. *“Na plenitude dos tempos, Deus mandou o seu Filho, nascido de uma mulher,... para que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4,4).* Ou como diz o Símbolo Niceno-Constantinopolitano, falando de Jesus: *“O qual, por amor de nós homens e para nossa salvação desceu dos céus e se encarnou pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria”.*

O último santo concílio repete as palavras de Santo Agostinho: *“Verdadeiramente mãe dos membros de Cristo ... porque com o seu amor colaborou para que na Igreja nascessem os fiéis, que são membros daquela Cabeça”*. E mais: *“Por esta razão é também saudada como membro supereminente e absolutamente singular da Igreja, e também como seu protótipo e modelo acabado da mesma, na fé, e na caridade; e a Igreja católica, guiada pelo Espírito Santo, honra-a como Mãe amantíssima, dedicando-lhe afeto de piedade filial”* (LG,53). E o Sagrado Concílio reconhece que Maria: *“... na Santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós”* (LG,54).

Maria é aquela Mulher que atravessa toda a história da salvação do Gênesis ao Apocalipse. Ela é a Mulher que vence a Serpente, que havia vencido a mulher: *“Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”* (Gn 3,15). Quando Jesus chama a sua Mãe de Mulher, é para nos indicar quem é a grande Mulher predileta de Deus: *“Mulher, isto compete a nós ? Minha hora ainda não chegou”* (Jo 2,4); *“Mulher, eis aí teu filho”* (Jo 19,26).

Maria é a Virgem que o profeta anunciou que haveria de conceber e dar à luz um Filho, cujo nome é Emanuel (cf Is 7,14; Mq 5,2´3 ; Mt 1,22´23). Pela primeira virgem entrou o pecado na história dos homens, e com ele a morte (Rom 6,2); pela nova Virgem entrou a salvação e a vida eterna. Foi ela quem deu a carne ao Filho de Deus, para que *“mediante os mistérios da carne libertasse o homem do pecado”* (LG 55). Sem isto Cristo não poderia ser o grande e eterno Sacerdote da Nova Aliança. Eis aí o papel indispensável de Maria. Como diziam os Santos Padres: *“Maria não foi instrumento meramente passivo nas mãos de Deus, mas cooperou na salvação dos homens com fé livre e com inteira obediência”* (LG 56). *“Quis, porém, o Pai das misericórdias que a Encarnação fosse precedida da aceitação por parte da Mãe predestinada, a fim de que, assim como uma mulher tinha contribuído para a morte, também outra mulher contribuísse para a vida”* (idem).

Do Livro: A MINHA IGREJA,
Prof. Felipe de Aquino
Editora Cléofas

3.5. Modelo da santidade da Igreja

1. O Concílio Vaticano II retorna às afirmações do Apóstolo Paulo (Ef 5, 25-27: Cristo amou a Igreja, e por ela Se entregou e a santificou) e recorda que, *“na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já a perfeição”*, enquanto *“os fiéis ainda têm de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade”* (LG, 65).

2. A Igreja é a comunidade daqueles que são chamados à santidade e se empenham cada dia por alcançá-la:

- ▶ neste árduo caminho rumo à perfeição, eles sentem-se encorajados por Aquela que é ‘modelo de virtudes’.

- ▶ a Igreja esforça-se por imitar a perfeição que n'ela é fruto da plena adesão ao preceito de Cristo: 'Sede, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste' (Mt 5, 48).

3. A Igreja vive de fé, reconhecendo naquela que acreditou a primeira e perfeita expressão da sua fé:

- ▶ seu exemplo encoraja o Povo de Deus a praticar a sua fé e a aprofundar e desenvolver o seu conteúdo, conservando e meditando no coração os acontecimentos da salvação.

4. Em Maria a Igreja reconhece o modelo da sua caridade:

- ▶ observando a situação da primeira comunidade cristã, descobrimos que a unanimidade dos corações, manifestada à espera do Pentecostes, está associada à presença da Virgem Santa (cf. At 1, 14).

5. O Concílio põe em evidência expressamente o papel do exemplo desempenhado por Maria em relação à Igreja na sua missão apostólica:

- ▶ *“Na sua ação apostólica, a Igreja olha com razão para aquela que gerou a Cristo, o qual foi concebido por ação do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para nascer e crescer também no coração dos fiéis, por meio da Igreja. E, na sua vida, deu a Virgem exemplo daquele afeto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens”* (LG, 65).

- ▶ Maria continua a sustentar a comunidade cristã e todos os crentes no generoso empenho pelo anúncio do Evangelho.

Texto 5: Modelo da santidade da Igreja

1. Na Carta aos Efésios, São Paulo ilustra a relação esponsal entre Cristo e a Igreja, com as seguintes palavras: 'Cristo amou a Igreja, e por ela Se entregou, para a santificar, purificando-a no batismo da água pela palavra da vida, para a apresentar a Si mesmo como Igreja gloriosa sem mancha nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e imaculada' (Ef 5, 25-27). O Concílio Vaticano II retorna às afirmações do Apóstolo e recorda que, 'na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já a perfeição', enquanto 'os fiéis ainda têm de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade' (LG, 65). É assim ressaltada a diferença que existe entre os fiéis e Maria, pertencendo embora ambos à santa Igreja, que se tornou por Cristo 'sem mancha nem ruga'. Com efeito, enquanto os fiéis recebem a santidade por meio do batismo, Maria foi preservada de toda a mancha de pecado original e antecipadamente remida por Cristo. Os fiéis, além disso, embora libertados 'da lei do pecado' (cf. Rm 8, 2), ainda podem ceder à tentação e a fragilidade humana que continua a manifestar-se na vida deles. 'Todos nós pecamos em muitas coisas', afirma a Carta de Tiago (3, 2). Por este motivo o Concílio de Trento ensina: 'Ninguém pode evitar, na sua vida inteira, todo o pecado mesmo venial' (DS 1573). A esta regra, contudo, faz exceção por

privilégio divino a Virgem Imaculada, como o mesmo Concílio de Trento recorda (ibid.).

2. Não obstante os pecados dos seus membros, a Igreja é antes de tudo a comunidade daqueles que são chamados à santidade e se empenham cada dia por alcançá-la. Neste árduo caminho rumo à perfeição, eles sentem-se encorajados por Aquela que é 'modelo de virtudes'. O Concílio observa que 'a Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplado-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação, e mais e mais se conforma com o seu Esposo' (LG, 65). A Igreja portanto, olha para Maria. Não só contempla o dom maravilhoso da sua plenitude de graça, mas esforça-se por imitar a perfeição que n'Ela é fruto da plena adesão ao preceito de Cristo: 'Sede, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste' (Mt 5, 48). Maria é a inteiramente santa. Ela representa para a comunidade dos crentes o paradigma da autêntica santidade que se realiza na união com Cristo. A vida terrena da Mãe de Deus é, com efeito, caracterizada pela perfeita sintonia com a pessoa do Filho e pela dedicação total à obra redentora por Ele realizada. Dirigindo o olhar para a intimidade materna que se desenvolveu no silêncio da vida de Nazaré e se aperfeiçoou na hora do sacrifício, a Igreja empenha-se em imitá-la no seu caminho quotidiano. Desse modo, conforma-se cada vez mais com seu Esposo. Unida como Maria à cruz do Redentor, a Igreja, através das dificuldades, contradições e perseguições que renovam na sua vida o mistério da Paixão do seu Senhor, põe-se na constante busca da plena configuração com Ele.

3. A Igreja vive de fé, reconhecendo 'naquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor' (Lc 1, 45) a primeira e perfeita expressão da sua fé. Neste itinerário de abandono confiante rumo ao Senhor, a Virgem precede os discípulos, aderindo à Palavra divina num contínuo crescendo, que investe todas as etapas da sua vida e se propaga na própria missão da Igreja. O seu exemplo encoraja o Povo de Deus a praticar a sua fé e a aprofundar e desenvolver o seu conteúdo, conservando e meditando no coração os acontecimentos da salvação. Maria torna-se para a Igreja também modelo de esperança. Ao escutar a mensagem do anjo, a Virgem é a primeira a orientar a sua esperança para o Reino sem fim, que Jesus tinha sido enviado para estabelecer. Ela permanece firme junto da cruz do Filho, à espera da realização da promessa divina. Depois do Pentecostes a Mãe de Jesus sustém a esperança da Igreja, ameaçada pelas perseguições. Ela é, pois, para a comunidade dos crentes e para cada um dos cristãos a Mãe da esperança, que encoraja e guia os seus filhos na expectativa do Reino, sustentando-os nas provas quotidianas e no meio das vicissitudes, mesmo trágicas, da história. Em Maria, por fim, a Igreja reconhece o modelo da sua caridade. Observando a situação da primeira comunidade cristã, descobrimos que a unanimidade dos corações, manifestada à espera do Pentecostes, está associada à presença da Virgem Santa (cf. At 1, 14). E graças precisamente à caridade irradiante de Maria é possível conservar em todos os tempos no interior da Igreja a concórdia e o amor fraterno.

4. O Concílio põe em evidência expressamente o papel de exemplaridade, desempenhado por Maria em relação à Igreja na sua missão apostólica, com as seguintes anotações: 'Na sua ação apostólica, a Igreja olha com razão para aquela que gerou a Cristo, o qual foi concebido por ação do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para nascer e crescer também no coração dos fiéis, por meio da Igreja. E, na sua vida, deu a Virgem exemplo daquele afeto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão

apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens' (LG, 65). Depois de ter cooperado na obra de salvação com a maternidade, com a associação ao sacrifício de Cristo e com a ajuda materna à Igreja nascente, Maria continua a sustentar a comunidade cristã e todos os crentes no generoso empenho pelo anúncio do Evangelho.

Do Livro: A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa João Paulo II Referência [19]

4. Os dogmas de Maria

4.1. Dogma da Imaculada Conceição

- ▶ Para cumprir a missão extraordinária de Mãe de Deus, Maria foi enriquecida por Deus com todas as graças, e de modo especialíssimo com a graça de nunca conhecer o pecado: nem o original e nem o pessoal. Foi concebida no seio de sua Mãe, Santa Ana, sem a culpa original.
- ▶ Em 1476 a festa da Imaculada foi incluída no Calendário Romano.
- ▶ Em 1570, o Papa Pio V publicou o novo Ofício.
- ▶ Em 1708, o Papa Clemente XI estendeu a festa a toda a Cristandade tornando-a obrigatória.
- ▶ Em 1830, nas aparições a Santa Catarina Labouré, em Paris, Maria ensinou-lhe a conhecida oração que foi cunhada na Medalha Milagrosa: “*Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós*”.
- ▶ O dogma da Imaculada Conceição de Maria foi proclamado solenemente pelo Papa Pio IX, em 8/12/1854, através da Bula *Ineffabilis Deus*:
“*Nós declaramos, decretamos, e definimos que ... em virtude dos méritos de Jesus Cristo ... a bem aventurada Virgem Maria foi preservada de toda mancha do pecado original no primeiro instante de sua concepção...*”.
- ▶ Em 1858, quatro anos após a solene declaração do Papa Pio IX, Ela mesma revelou seu nome a Santa Bernadete, em Lourdes: “*Eu sou a Imaculada Conceição*”.
- ▶ Por isso, o último santo Concílio a chamou de: “*Mãe de Deus Filho, e, portanto, filha predileta do Pai e sacrário do Espírito Santo*” (LG, 53). E ainda registra o Santo Concílio Vaticano II que: “*Com este dom de graça sem igual, ultrapassa de longe todas as outras criaturas celestes e terrestres*” (idem).
- ▶ O CIC afirma com toda a certeza:
“*Na descendência de Eva, Deus escolheu a Virgem Maria para ser a Mãe de Seu Filho. ‘Cheia de Graça’, ela é o fruto mais excelente da Redenção desde o primeiro instante de sua concepção; foi totalmente preservada da*

mancha do pecado original e permaneceu pura de todo o pecado pessoal ao longo de sua vida” (508).

- ▶ A diferença que existe entre os fiéis e Maria:
 - ☞ enquanto os fiéis recebem a santidade por meio do batismo, Maria foi preservada de toda a mancha de pecado original e antecipadamente remida por Cristo.
 - ☞ Os fiéis, além disso, embora libertados *‘da lei do pecado’* (cf. Rm 8, 2), ainda podem ceder à tentação e a fragilidade humana que continua a manifestar-se na vida deles.
 - ☞ A esta regra, contudo, faz exceção por privilégio divino a Virgem Imaculada, como o mesmo Concílio de Trento recorda.

4.2. Dogma de “Maria, Mãe de Deus”

- ▶ Desde os primeiros séculos do Cristianismo Maria é reconhecida e chamada pelos cristãos de Mãe de Deus *‘Theotokos’*.
- ▶ Desde o final do século dois, os cristãos do Egito e do norte da África, onde havia mais de 400 comunidades cristãs, já a invocavam como Mãe de Deus, na oração que talvez seja a mais antiga que a Igreja conheça:
“Debaixo de Vossa proteção nos refugiamos Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, Virgem gloriosa e bendita”.
- ▶ O dogma foi definido pelo Concílio de Éfeso em 431:
 - ☞ os cristãos estavam discutindo sobre a humanidade e divindade de Jesus;
 - ☞ concluíram sobre Maria: ela não é somente mãe da parte humana de Jesus, mas de toda a sua pessoa de Filho de Deus encarnado.
- ▶ Três lições do dogma:
 1. pensar que tipo de mãe Maria foi e como sua missão ajudou a missão de Jesus:
 - mãe amorosa,
 - educadora de Jesus,
 - seguidora de Jesus,
 - mãe que ama sem reter;
 2. compreender como Maria se relaciona com Deus;
 3. ver como sua missão materna diz respeito a cada um de nós.

Texto 6: Dogma de “Maria, Mãe de Deus”

1. Embora tenha ocorrido por obra do Espírito Santo e de uma Mãe Virgem, a geração de Jesus, como a de todos os homens, conheceu as fases da concepção, da gestação e do parto. Além disso, a maternidade de Maria não se limitou apenas ao processo biológico do gerar, mas, como ocorre para qualquer

outra mãe, deu também uma contribuição essencial para o crescimento e o desenvolvimento do filho. Mãe é não só a mulher que dá à luz um filho, mas aquela que o cria e o educa; antes, podemos dizer que a tarefa educativa é, segundo o plano divino, o prolongamento natural da procriação. Maria é *Theotokos* não só porque gerou e deu à luz o Filho de Deus, mas também porque O acompanhou no seu crescimento humano.

2. Poder-se-ia pensar que Jesus, possuindo em Si a plenitude da divindade, não tenha tido necessidade de educadores. Mas o mistério da Encarnação revela-nos que o Filho de Deus veio ao mundo numa condição humana em tudo semelhante à nossa, exceto no pecado (cf. Heb. 4, 15). Como acontece para cada ser humano, o crescimento de Jesus, da infância até à idade adulta (cf. Lc. 2, 40), precisou da ação educativa dos pais. O Evangelho de Lucas, particularmente atento ao período da infância, narra que Jesus em Nazaré era submisso a José e a Maria (cf. Lc. 2, 51). Essa dependência mostra-nos Jesus na disposição a receber, aberto à obra educativa de sua mãe e de José, que exerciam a sua tarefa também em virtude da docilidade por Ele constantemente manifestada.

3. Os dons especiais, de que Deus tinha dado a Maria, tornavam-na particularmente idônea a desempenhar a tarefa de mãe e educadora. Nas circunstâncias concretas de todos os dias, Jesus podia encontrar nela um modelo a seguir e a imitar, e um exemplo de amor perfeito para com Deus e os irmãos. Ao lado da presença materna de Maria, Jesus podia contar com a figura paterna de José, homem justo (cf. Mt 1, 19) que assegurava o necessário equilíbrio da ação educativa. Exercendo a função de pai, José cooperou com a sua esposa para tornar a casa de Nazaré um ambiente favorável ao crescimento e à maturação pessoal do Salvador da humanidade. Iniciando-O depois no duro trabalho de carpinteiro, José permitiu a Jesus inserir-se no mundo do trabalho e na vida social.

L'Osservatore Romano, Ed. Port. n.49, 07/12/1996, pag. 12(568)
Do Livro: A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa João Paulo II
Referência [19]

4.3. Dogma da Virgindade de Maria

▶ O evangelista Mateus, referindo o anúncio do anjo a José, afirma de igual modo como Lucas a concepção operada “pelo Espírito Santo” (Mt. 1,20), com exclusão de relações conjugais.

▶ Mateus apresenta a origem virginal de Jesus como cumprimento da profecia de Isaías: “Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho; e chamá-lo-ão Emmanuel, que quer dizer “Deus conosco” (Mt. 1,23; cf. Is. 7,14).

▶ Ao contrário de Lucas e de Mateus, o Evangelho de Marcos não fala da concepção nem do nascimento de Jesus; contudo, é digno de nota o fato de Marcos jamais mencionar José, esposo de Maria. Jesus é chamado “o filho de Maria” da gente de Nazaré ou então, noutro contexto, “o Filho de Deus” em várias ocasiões (3, 11; 5, 7; cf. 1,11; 9, 7; 14, 61.62; 15,39).

- ▶ Os textos mais antigos, quando se referem à concepção de Jesus, chamam Maria simplesmente “Virgem”.
- ▶ Os cristãos dos primeiros séculos expressaram essa convicção de fé mediante o termo grego *aeiparthenos* “sempre virgem” criado para qualificar de modo singular e eficaz a pessoa de Maria, e exprimir numa só palavra a fé da Igreja na sua virgindade perpétua.
- ▶ *aeiparthenos*: encontramos-lo usado no segundo símbolo de fé de Santo Epifânio, no ano 374, em relação à Encarnação: o Filho de Deus “encarnou-Se, isto é, foi gerado de modo perfeito por Santa Maria, a sempre Virgem, por obra do Espírito Santo” (Ancoratus, 119,5; DS 44).
- ▶ As fórmulas de fé dos primeiros autores cristãos postulam a afirmação do nascimento virginal: Aristides, Justino, Ireneu, Tertuliano estão de acordo com Santo Inácio de Antioquia, que proclama Jesus “verdadeiramente nascido de uma virgem” (Smirn. 12).
- ▶ O Concílio de Caledônia (451), na sua profissão de fé, redigida com cuidado e pelo conteúdo infalivelmente definido, afirma que Cristo foi “*gerado [...] segundo a humanidade, nos últimos dias, para nós e para a nossa salvação, de Maria Virgem, Mãe de Deus*” (DS, 301).
- ▶ A expressão “sempre Virgem” é retomada pelo II Concílio de Constantinopla (553), que afirma: o Verbo de Deus, “tendo-Se encarnado da santa gloriosa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, nasceu dela” (DS 422).
- ▶ O III Concílio de Constantinopla (681) proclama que Jesus Cristo foi “*gerado [...] segundo a humanidade, pelo Espírito Santo e por Maria Virgem, aquela que é propriamente e com toda a verdade Mãe de Deus*” (DS, 555).
- ▶ Esta doutrina é confirmada por outros dois Concílios Ecumênicos: o Lateranense IV (1215) (DS 801) e o Concílio de Lião (1274) (DS 852), e pelo texto da definição do dogma da assunção (1950) (DS 3903), no qual a virgindade perpétua de Maria é adotada entre os motivos da sua elevação, em corpo e alma, à glória celeste.
- ▶ Segundo alguns, a virgindade de Maria depois do parto seria negada por aqueles textos evangélicos que recordam a existência de quatro “irmãos de Jesus”: Tiago, José, Simão e Judas (Mt 13, 55.56; Mc 6,3), e de suas diversas irmãs:
 - ☞ Tanto em hebraico como em aramaico, não existe um vocábulo particular para exprimir a palavra “primo” e que, portanto, os termos “irmão” e “irmã” tinham um significado muito amplo, que abrangia diversos graus de parentesco.
 - ☞ Na realidade com o termo “irmãos de Jesus” são indicados “os filhos duma Maria discípula de Cristo (cf. Mt. 27,56), designada de modo significativo como a “outra Maria” (Mt. 28,1).

☞ Trata-se de parentes próximos de Jesus, segundo uma expressão conhecida do Antigo Testamento” (Catecismo da Igreja Católica, n. 500).

Texto 7: *Dogma da Virgindade de Maria*

1. A Igreja tem constantemente considerado a virgindade de Maria uma verdade de fé, acolhendo e aprofundando o testemunho dos Evangelhos, de Lucas, de Mateus e, provavelmente, também de João. No episódio da Anunciação, o evangelista Lucas chama Maria de “virgem”, referindo-se tanto à sua intenção de perseverar na virgindade como ao desígnio divino que concilia esse propósito com a sua prodigiosa maternidade. A afirmação da concepção virginal devido à ação do Espírito Santo, exclui qualquer hipótese de partenogénese natural e rejeita as tentativas de explicar a narração de Lucas como esclarecimento dum tema judaico ou como derivação duma lenda mitológica pagã. A estrutura do texto lucano (cf. Lc. 1,26-38; 2. 19.51) resiste a qualquer interpretação redutiva. A sua coerência não permite sustentar de modo válido mutilações dos termos ou das expressões que afirmam a concepção virginal operada pelo Espírito Santo.

2. O evangelista Mateus, referindo o anúncio do anjo a José, afirma de igual modo como Lucas a concepção operada “pelo Espírito Santo” (Mt. 1,20), com exclusão de relações conjugais. A geração virginal de Jesus, além disso, é comunicada a José num segundo momento: não se trata para ele de um convite a dar um consentimento prévio à concepção do Filho de Maria, fruto da intervenção sobrenatural do Espírito Santo e da cooperação só da Mãe. Ele é apenas chamado a aceitar livremente o seu papel de esposo da Virgem e a missão paterna em relação à criança. Mateus apresenta a origem virginal de Jesus como cumprimento da profecia de Isaías: “Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho; e chamá-lo-ão Emmanuel, que quer dizer “Deus conosco” (Mt. 1,23; cf. Is. 7,14). Desse modo, Mateus leva a concluir que a concepção virginal foi objeto de reflexão na primeira comunidade cristã, que compreendeu a sua conformidade com o desígnio divino de salvação e o nexos com a identidade de Jesus, “Deus conosco”.

3. Ao contrário de Lucas e de Mateus, o Evangelho de Marcos não fala da concepção nem do nascimento de Jesus; contudo, é digno de nota o fato de Marcos jamais mencionar José, esposo de Maria. Jesus é chamado “o filho de Maria” da gente de Nazaré ou então, noutra contexto, “o Filho de Deus” em várias ocasiões (3, 11;5, 7; cf. 1,11; 9. 7; 14, 61-62; 15,39). Estes dados estão em harmonia com a fé no mistério da sua geração virginal. Tal verdade, segundo uma recente descoberta exegética, estaria explicitamente contida também no versículo 13 do Prólogo do Evangelho de João, que algumas autorizadas vozes antigas (por exemplo Ireneu e Tertuliano) apresentam, não na sua forma plural usual, mas no singular: “Ele, que não do sangue nem da vontade da carne, nem do querer do homem, mas de Deus foi gerado”. Esta versão no singular faria do Prólogo joanino uma das maiores afirmações da geração virginal de Jesus, inserida no contexto do mistério da Encarnação. A afirmação paradoxal de Paulo: “Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher... para que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl. 4, 4-5), abre o caminho ao interrogativo acerca da personalidade desse Filho e, portanto, acerca do seu nascimento virginal. Este testemunho uniforme dos Evangelhos atesta como a fé na

concepção virginal de Jesus está solidamente arraigada em diversos ambientes da Igreja primitiva. E isto destitui de qualquer fundamento algumas interpretações recentes, que entendem a concepção virginal em sentido não físico ou biológico mas apenas simbólico ou metafórico: este designaria Jesus como dom de Deus à humanidade. A mesma coisa se deve dizer quanto à opinião apresentada por outros, segundo os quais a narração da concepção virginal seria, ao contrário, um theologoumenon, isto é, um modo de exprimir uma doutrina teológica, a da filiação divina de Jesus, ou seria uma sua representação mitológica. Como acabamos de ver, os Evangelhos contêm a afirmação explícita duma concepção virginal de ordem biológica, operada pelo Espírito Santo, e essa verdade foi assumida pela Igreja desde as primeiras formulações da fé (cf. Catecismo da Igreja Católica, 496).

4. A fé expressa nos Evangelhos é confirmada, sem interrupções, na tradição sucessiva. As fórmulas de fé dos primeiros autores cristãos postulam a afirmação do nascimento virginal: Aristides, Justino, Ireneu, Tertuliano estão de acordo com Santo Inácio de Antioquia, que proclama Jesus “verdadeiramente nascido de uma virgem” (Smirn. 12). Estes autores querem falar duma real e histórica geração virginal de Jesus, e estão longe de afirmar uma virgindade apenas moral ou um vago dom de graça, que se manifestou no nascimento da criança’. As solenes definições de fé dos Concílios ecumênicos e do Magistério Pontifício, que se seguiram às primeiras breves fórmulas de fé, estão em perfeita consonância com essa verdade. O Concílio de Caledônia (451), na sua profissão de fé, redigida com cuidado e pelo conteúdo infalivelmente definido, afirma que Cristo foi “gerado [...] segundo a humanidade, nos últimos dias, para nós e para a nossa salvação, de Maria Virgem, Mãe de Deus” (DS, 301). Do mesmo modo, o III Concílio de Constantinopla (681) proclama que Jesus Cristo foi “gerado [...] segundo a humanidade, pelo Espírito Santo e por Maria Virgem, aquela que é propriamente e com toda a verdade Mãe de Deus” (DS, 555). Outros Concílios ecumênicos (Constantinopolitano II, Lateranense IV e Lionense II) declaram Maria “sempre virgem”, pondo em relevo a sua virgindade perpétua (DS, 423, 801, 852). Essas afirmações foram retomadas pelo Concílio Vaticano II, evidenciando o fato que Maria “acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do Pai” (LG, 63). Às definições conciliares devem-se acrescentar as do Magistério Pontifício relativas à imaculada concepção da “Bem-aventurada Virgem Maria” (DS, 2803) e da Assunção da “Imaculada Mãe de Deus sempre Virgem” (DS, 3903).

5. Ainda que as definições do Magistério, com exceção do Concílio Lateranense de 649, querido pelo Papa Martinho I, não estabeleçam com precisão o sentido do apelativo “virgem”, é claro que esse termo é usado no seu sentido habitual: a abstenção voluntária dos atos sexuais e a preservação da integridade corporal. Em todo o caso, a integridade física é considerada essencial à verdade de fé da concepção virginal de Jesus (cf. Catecismo da Igreja Católica, 496). A designação de Maria como “Santa, sempre Virgem, Imaculada” suscita a atenção sobre o vínculo entre santidade e virgindade. Maria quis uma vida virginal, porque animada pelo desejo de dar inteiramente o seu coração a Deus. A expressão usada na definição da Assunção, “a Imaculada Mãe de Deus sempre Virgem” sugere também a conexão entre a virgindade e a maternidade de Maria: duas prerrogativas unidas de maneira milagrosa na geração de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Assim a virgindade de Maria está intimamente ligada à sua maternidade divina e perfeita santidade.

Texto 8: *Maria, sempre virgem (Aeiparthenos)*

1. A Igreja tem constantemente manifestado a própria fé na virgindade perpétua de Maria. Os textos mais antigos, quando se referem à concepção de Jesus, chamam Maria simplesmente “Virgem”, deixando contudo entender que consideravam essa qualidade como um fato permanente, referido à sua vida inteira. Os cristãos dos primeiros séculos expressaram essa convicção de fé mediante o termo grego *aeiparthenos* “sempre virgem” criado para qualificar de modo singular e eficaz a pessoa de Maria, e exprimir numa só palavra a fé da Igreja na sua virgindade perpétua. Encontramo-lo usado no segundo símbolo de fé de Santo Epifânio, no ano 374, em relação à Encarnação: o Filho de Deus “encarnou-Se, isto é, foi gerado de modo perfeito por Santa Maria, a sempre Virgem, por obra do Espírito Santo” (Ancoratus, 119,5; DS 44). A expressão “sempre Virgem” é retomada pelo II Concílio de Constantinopla (553), que afirma: o Verbo de Deus, “tendo-Se encarnado da santa gloriosa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, nasceu dela” (DS 422). Esta doutrina é confirmada por outros dois Concílios Ecumênicos: o Lateranense IV (1215) (DS 801) e o Concílio de Lião (1274) (DS 852), e pelo texto da definição do dogma da assunção (1950) (DS 3903), no qual a virgindade perpétua de Maria é adotada entre os motivos da sua elevação, em corpo e alma, à glória celeste.

2. Mediante uma fórmula sintética, a tradição da igreja apresentou Maria como “virgem antes do parto, no parto, e depois do parto”, reafirmando, através da indicação destes três momentos, que ela jamais cessou de ser virgem. Das três, a afirmação da virgindade “antes do parto”, é, sem dúvida, a mais importante, porque se refere à concepção de Jesus e toca diretamente o próprio mistério da Encarnação. Desde o início ela está constantemente presente na fé da igreja. A virgindade “no parto” e “depois do parto”, embora contida implicitamente no título de virgem, atribuído a Maria já nos primórdios da Igreja, torna-se objeto de aprofundamento doutrinal no momento em que alguns começam implicitamente a pô-la em dúvida. O Papa Ormisdas esclarece que “o Filho de Deus Se tornou filho do homem, nascido no tempo como um homem, abrindo no nascimento o seio da Mãe (cf. Lc. 2, 23) e, pelo poder de Deus, não destruindo a virgindade da Mãe” (DS 368). A doutrina é confirmada pelo Concílio Vaticano II, no qual se afirma que o Filho primogênito de Maria “não só não lesou a sua integridade virginal, mas antes a consagrou” (LG,57). Quanto à virgindade depois do parto, deve-se antes de tudo observar que não há motivos para pensar que a vontade de permanecer virgem, manifestada por Maria no momento da Anunciação (Lc. 1,34), tenha sucessivamente mudado. Além disso, o sentido imediato das palavras: “Mulher, eis aí o teu filho”, “Eis aí a tua Mãe” (Jo. 19,26-27), que Jesus da cruz dirige a Maria e ao discípulo predileto, faz supor uma situação que exclui a presença de outros filhos nascidos de Maria. Os negadores da virgindade depois do parto pensaram encontrar um argumento comprovante no termo “primogênito”, atribuído a Jesus no Evangelho (Lc.2,7), como se essa locução deixasse supor que Maria tenha gerado outros filhos depois de Jesus. Mas a palavra “primogênito” significa

literalmente “Filho não precedido por outro” e, em si, prescinde da existência de outros filhos. Além disso, o evangelista ressalta esta característica do Menino, pois ao nascimento do primogênito estavam ligadas algumas importantes observâncias próprias da lei judaica, independentemente do fato que a Mãe tivesse dado à luz outros filhos. Todo o filho único estava, pois, sob essas prescrições porque “o primeiro a ser gerado” (cf. Lc. 2,23).

3. Segundo alguns, a virgindade de Maria depois do parto seria negada por aqueles textos evangélicos que recordam a existência de quatro “irmãos de Jesus”: Tiago, José, Simão e Judas (Mt. 13, 55-56; Mc. 6,3), e de suas diversas irmãs. É preciso recordar que, tanto em hebraico como em aramaico, não existe um vocábulo particular para exprimir a palavra “primo” e que, portanto, os termos “irmão” e “irmã” tinham um significado muito amplo, que abrangia diversos graus de parentesco. Na realidade com o termo “irmãos de Jesus” são indicados “os filhos duma Maria discípula de Cristo (cf. Mt. 27,56), designada de modo significativo como a “outra Maria” (Mt. 28,1). Trata-se de parentes próximos de Jesus, segundo uma expressão conhecida do Antigo Testamento” (Catecismo da Igreja Católica, n. 500). Maria Santíssima é, pois, a “sempre Virgem”. Esta sua prerrogativa é a conseqüência da maternidade divina, que a consagrou totalmente à missão redentora de Cristo.

L’Osservatore Romano, Ed. Port. n.35, 31/08/1996, pag. 12(408)
Do Livro: A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa João Paulo II
Referência [19]

4.4. Dogma da Assunção

- ▶ “Maria foi elevada ao céu” (*Aclamação ao Evangelho*) / “Alegremo-nos todos no Senhor” (*Ant. da Entrada*).
- ▶ A Assunção de Maria é dom particular do Ressuscitado à Sua Mãe.
- ▶ O reino de Deus n’Aquela que sempre desejou ser apenas «a escrava do Senhor». O poder do seu Ungido, isto é de Cristo, o poder do amor que Ele trouxe à Terra como um fogo (cf. Lc. 12, 49); o poder revelado na glorificação d’Aquela que, mediante o seu «fiat», Lhe tornou possível vir a esta terra, tornar-se homem; o poder revelado na glorificação da Imaculada, na glorificação da Sua própria Mãe.
- ▶ “Aqueles que são de Cristo receberão a vida à Sua vinda”, então é justo e compreensível que esta participação na vitória sobre a morte, Maria a experimente em primeiro lugar, Ela a Mãe; Ela que é “*de Cristo*” da maneira mais plena
- ▶ O termo da vida que para todos os homens é a morte, no caso de Maria, a Tradição justamente lhe chama antes *dormição*.
- ▶ O dogma da Assunção foi proclamado solenemente pelo Papa Pio XII no dia 1 de novembro de 1950 e sua festa é celebrada no dia 15 de agosto.

- ▶ O Papa, no pronunciamento do Dogma, disse:

“Por isso os corpos dos justos se dissolvem depois da morte, e somente no último dia tornarão a unir-se, cada um com sua alma gloriosa. Mas desta lei geral de Deus quis excetuar a Bem-Aventurada Virgem Maria. Ela, por um privilégio todo singular, venceu o pecado; por sua Imaculada Conceição, não estando pro isso sujeita à lei natural de ficar na corrupção do sepulcro, não foi preciso que esperasse até o fim do mundo para obter a ressurreição do corpo”.

“pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma de fé revelado por Deus que: a Imaculada Mãe de Deus, sempre Virgem Maria, terminado o curso de sua vida terrena, foi elevada à glória celeste em corpo e alma”.

- ▶ Esta festividade permite-nos olhar para este Sinal, o Grande Sinal da Economia Divina da Salvação, com confiança e alegria tanto maior.
- ▶ Permite-nos esperar, deste Sinal, vencer, *não sucumbir definitivamente ao mal e ao pecado* — na expectativa do dia em que será tudo completado por Aquele que alcançou a vitória sobre a morte: o Filho de Maria.

Texto 9: Dogma da Assunção

1. «Maria foi elevada ao céu» (*Aclamação ao Evangelho*) / «Alegremo-nos todos no Senhor» (*Ant. da Entrada*).

Com estas palavras da liturgia eucarística de hoje, saúdo a paróquia de Castel Gandolfo, dentro de cujos confins me é dado passar os dias do verão, longe, de certo modo, da minha quotidiana mesa de trabalho em Roma, e ao mesmo tempo em contínuo contacto com ela. Nesta ocasião desejo agradecer, uma vez mais, a todos os habitantes de Castel Gandolfo: os pastores das almas, os paroquianos, e também os hóspedes que vêm aqui ver-nos durante as férias; desejo agradecer tanta cordialidade e compreensão que me é demonstrada neste período. Assim também eu me sinto cordialmente ligado com a vossa comunidade — e hoje aproveito a circunstância para dar testemunho disso, por ocasião desta vossa festa que é, ao mesmo tempo, grande solenidade de toda a Igreja. Venho pois tributar — na celebração do Santíssimo Sacrifício no meio de vós — uma particular veneração ao mistério da Assunção da Mãe de Deus: mistério tão querido ao coração de cada cristão, tão «a largo raio» e ao mesmo tempo tão carregado de promessas, tão capaz de estimular os nossos corações à esperança.

2. Verdadeiramente, difícil seria encontrar um momento em que Maria pudesse pronunciar com maior elevação as palavras proferidas uma vez depois da anunciação, quando, tornada Mãe virginal do Filho de Deus, visitou a casa de Zacarias, para prestar serviços a Isabel: «A minha alma enaltece o Senhor... / O Todo-poderoso fez em mim grandes coisas, / e o Seu nome é santo» (Lc. 1, 46, 49).

Se estas palavras tiveram a sua motivação plena e superabundante na boca de Maria, quando Ela, Imaculada, se tornou a Mãe do Verbo Eterno, atingem

hoje o cume definitivo. Maria que, graças à sua fé (tão exaltada por Isabel) naquele momento ainda sob o véu do mistério, entrou no tabernáculo da Santíssima Trindade, *hoje entra na Morada eterna, em plena intimidade com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo*, na visão beatífica «face a face». E esta visão, como inexaurível fonte do amor perfeito, enche todo o seu Ser com a plenitude da glória e da felicidade. Assim pois a Assunção e, ao mesmo tempo, a «coroação» de toda a vida de Maria, da sua vocação única, entre todos os membros da humanidade, a ser a Mãe de Deus. É a «coroação» da fé que Ela, «cheia de graça», demonstrou durante a anunciação e que Isabel, sua parente, assim sublinhou e exaltou durante a visitação.

Verdadeiramente podemos repetir hoje, seguindo o Apocalipse: «O Templo de Deus abriu-se no Céu, e a Sua Arca da aliança foi vista no Templo... Depois ouvi no Céu uma voz potente: 'Eis agora a salvação, o poder e o reinado do nosso Deus, e a autoridade do Seu Cristo' (Ap. 11, 19; 12, 10)».

O reino de Deus n'Aquela que sempre desejou ser apenas «a escrava do Senhor». O poder do seu Ungido, isto é de Cristo, o poder do amor que Ele trouxe à Terra como um fogo (cf. Lc. 12, 49); o poder revelado na glorificação d'Aquela que, mediante o seu «fiat», Lhe tornou possível vir a esta terra, tornar-se homem; o poder revelado na glorificação da Imaculada, na glorificação da Sua própria Mãe.

3. «...Cristo ressuscitou dos mortos, surgiu dentre os que morreram, como os primeiros frutos da seara. Uma vez que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dentre os mortos. Pois, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão restituídos à vida. Cada qual, porém, na sua ordem: Primeiro, Cristo, como os primeiros frutos da seara; a seguir, os que pertencem a Cristo, por ocasião da Sua vinda» (1 Cor. 15, 20-23).

A Assunção de Maria é dom particular do Ressuscitado à Sua Mãe. Se, de fato, «aqueles que são de Cristo» «receberão a vida» «à Sua vinda», então é justo e compreensível que esta participação na vitória sobre a morte, a experimente precisamente Ela em primeiro lugar, Ela a Mãe; Ela que é «*de Cristo*» da maneira mais plena: com efeito também Ele pertence a Ela como o Filho à Mãe. E Ela pertence-Lhe a Ele: é, de modo particular, «*de Cristo*», porque foi amada e remida de modo completamente singular. Aquela que, na sua mesma conceição humana, foi *imaculada* — isto é, livre do pecado, cuja conseqüência é a morte — pelo mesmo fato, não devia acaso ser livre da morte, que é a conseqüência do pecado? Aquela «vinda» de Cristo, de que fala o Apóstolo na segunda leitura de hoje, não «devia» acaso realizar-se, neste único caso de modo excepcional, por assim dizer «de repente», isto é no momento da conclusão da vida terrestre? Por isso, aquele termo da vida que para todos os homens é a morte, no caso de Maria, a Tradição justamente Lhe chama antes dormição.

«*Assumpta est Maria in coelum, gaudent Angeli! Et gaudet Ecclesia!*»

4. Para nós a solenidade de hoje é quase uma continuação da Páscoa: da Ressurreição e da Ascensão do Senhor. E é, ao mesmo tempo, *o sinal e a fonte da esperança da vida eterna e da ressurreição futura*. Deste sinal lemos no Apocalipse de João: «Apareceu no Céu um sinal grandioso: uma Mulher revestida com o Sol, a Lua debaixo dos Pés; na cabeça, uma coroa de doze estrelas» (12, 1).

E embora a nossa vida sobre a terra decorra, constantemente, na tensão daquela luta entre o Dragão e a Mulher, de que fala o mesmo livro da Sagrada Escritura; embora nós estejamos quotidianamente submetidos à *luta entre o bem*

e o *mal*, na qual o homem participa desde o pecado original — quer dizer, desde o tempo em que comeu «da árvore do conhecimento do bem e do mal», como lemos no livro do Gênesis (2, 17; 3, 12); embora esta luta assuma por vezes formas perigosas e tremendas, todavia aquele *Sinal da esperança permanece e renova-se constantemente na fé da Igreja*.

E a festividade de hoje permite-nos olhar para este Sinal, o Grande Sinal da Economia Divina da Salvação, com confiança e alegria tanto maior.

Permite-nos esperar, deste Sinal, vencer, *não sucumbir definitivamente ao mal e ao pecado* — na expectativa do dia em que será tudo completado por Aquele que alcançou a vitória sobre a morte: o Filho de Maria; então Ele «deporá nas mãos de Deus Pai o Seu poder real, depois de aniquilar todos os chefes, autoridades e dominadores inimigos» (1 Cor. 15, 24) e porá todos os inimigos debaixo de Seus pés. E o último inimigo a ser aniquilado será a morte (cf. 1 Cor. 15, 25).

Caros Irmãos e Irmãs, participemos com alegria na Eucaristia de hoje. Recebamos confiadamente o Corpo de Cristo, recordando-nos das Suas palavras: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue *tem a vida eterna* e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia» (Jo. 6, 54).

E veneremos hoje Aquela que deu a Cristo o nosso corpo humano: a Imaculada e a Assunta, que é a Esposa do Espírito Santo e a nossa Mãe.

FESTA DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA
HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II
15 de Agosto de 1980

Texto 10: “Uma mulher revestida de Sol” (Ap 12, 1).

Por ocasião da solenidade da Assunção de Maria ao céu, comemorada no dia 15 de Agosto de 1995, o santo Padre João Paulo II:

“*Uma mulher revestida de Sol*” (Ap 12, 1).

1. Na hodierna Solenidade da Assunção, a Igreja aplica estas palavras do Apocalipse de São João a Maria. Elas contam-nos, num certo sentido, a parte conclusiva da história da “mulher revestida de Sol”: falam-nos de Maria elevada ao céu. Portanto, a liturgia de hoje relaciona-as de modo oportuno com a parte inicial da vicissitude de Maria: ao mistério da Visitação na casa santa de Isabel. Sabe-se que a Visitação se verificou pouco depois da Anunciação, como lemos no Evangelho de São Lucas: “Por aqueles dias, pôs-se Maria a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade de Judá” (Lc 1,39). Segundo uma tradição, trata-se da cidade de AinKarim. Ao entrar na casa de Zacarias, Maria saudou Isabel. Talvez desejasse contar-lhe o que lhe havia acontecido, como tinha consentido à proposta do Anjo Gabriel, tornando-se assim, por obra do Espírito Santo, Mãe do Filho de Deus. Contudo, Isabel precedeu-a e, com a ação do Espírito Santo, continuou com palavras suas a saudação do mensageiro angélico. Se Gabriel tinha dito: “Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc. 1, 28), ela, quase tomando o seu lugar, acrescentou: “Bendita és tu entre as mulheres e Bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1, 42). Deste modo, portanto, entre a Anunciação e a Visitação foi-se formando a oração mariana mais difundida: a “Ave Maria”. Caríssimos Irmãos e Irmãs! Hoje, solenidade da Assunção, a Igreja retorna

idealmente a Nazaré, lugar da Anunciação; dirige-se idealmente para a entrada da casa de Zacarias, em AinKarim, e saúda a Mãe de Deus com as palavras “Ave Maria!”, e com Isabel proclama: “Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor”! (Lc 1, 45). Maria acreditou com a fé da Anunciação, com a fé da Visitação, com a fé da noite de Belém e do Natal. Hoje crê com a fé da Assunção ou, antes, já na glória do céu contempla face a face o mistério que penetrou a sua existência terrena.

2. Na entrada da casa de Zacarias nasce também o hino mariano do Magnificat. A Igreja repete-o na liturgia de hoje, porque Maria, decerto com motivações também maiores, o proclamou na sua Assunção ao céu: “A minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador. Porque olhou para a humilde condição da Sua serva. De fato, desde agora todas as gerações me hão de chamar ditosa, porque me fez grandes coisas o Onipotente. É santo o seu nome” (Lc 1, 46´49). Maria louva Deus e é louvada por Ele. Um louvor que se difundiu amplamente no mundo inteiro. De fato, quantos são os santuários marianos dedicados, em todas as regiões da terra, ao mistério da Assunção! Seria deveras difícil elencá-los todos aqui. “Maria é elevada ao céu: exultam as Plêiades dos anjos”, proclama a liturgia hodierna na aclamação ao Evangelho. Mas exultam também as multidões de homens de todas as partes do mundo. E são numerosas as nações que consideram a Mãe de Deus como sua Mãe e Rainha. O mistério da Assunção está relacionado, de fato, ao da sua coroação como Rainha do céu e da terra. “A filha do rei é toda esplendor” ‘como anuncia o Salmo responsorial da liturgia de hoje (Sl. 44/45, 14)’ para ser elevada à direita do seu Filho: “Resplandece a rainha, Senhor, à Tua direita” (refrão do Salmo responsorial).

3. A Assunção de Maria constitui uma particular participação na ressurreição de Cristo. Na liturgia hodierna, São Paulo põe em relevo esta verdade, anunciando o júbilo pela vitória sobre a morte, restituída por Cristo com a sua ressurreição. “É necessário que Ele reine, até que haja posto todos os inimigos debaixo dos Seus pés. O último inimigo a ser destruído será a morte” (1 Cor. 15, 25´26). A vitória sobre a morte, que se tornou evidente no dia da ressurreição de Cristo, hoje diz respeito, de modo particular, à Sua Mãe. Se a morte não tem poder sobre Ele ‘ou seja, sobre o Filho’ tampouco o pode ter sobre a Mãe, isto é, sobre aquela que lhe deu a vida terrena. Na primeira Carta aos Coríntios, São Paulo faz uma espécie de comentário aprofundado do mistério da Assunção. Escreve assim: “Cristo ressuscitou mortos como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também a ressurreição dos mortos veio por um homem que, assim como todos morrem em Adão, assim também em Cristo, todos serão vivificados. Cada qual porém, na sua ordem: Cristo, como primícias, os que são de Cristo, por ocasião da sua vinda” (1 Cor. 15, 20´23). Maria é a primeira dentre “os que são de Cristo”. No mistério da Assunção, Maria é a primeira a receber a glória; a Assunção representa quase o coroamento do mistério pascal. Cristo ressuscitou vencendo a morte, consequência original, e abraça com a sua vitória todos aqueles que aceitam com fé a Sua ressurreição. Antes de tudo, a Sua Mãe, libertada da herança do pecado original mediante a morte redentora do Filho na cruz. Hoje, Cristo abraça Maria, Imaculada desde a sua concepção, acolhendo-a, no céu, no corpo glorificado quase que a aproximar-lhe o dia do seu regresso glorioso à terra, o dia da ressurreição universal, esperada pela humanidade. A Assunção ao céu constitui uma grande antecipação do cumprimento definitivo de todas as coisas em Deus,

conforme quanto escreve o Apóstolo: “depois virá o fim, quando (Cristo) entregar o Reino a Deus Pai (...) a fim de que Deus seja tudo em todos” (1 Cor. 15, 24.28). Porventura, não é Deus tudo n’Aquela que é a Mãe Imaculada do Redentor? Saúdo-te, filha de Deus Pai! Saúdo-te, Mãe do Filho de Deus! Saúdo-te, mística esposa do Espírito Santo! Saúdo-te, templo da Santíssima Trindade!

4. “Então abriu-se o Templo de Deus no céu, a Arca da Aliança apareceu no Seu Templo (...). Depois, apareceu um grande sinal no céu: uma mulher revestida de Sol, tendo a Lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça” (Ap 11, 19-12, 1). Esta visão do Apocalipse é considerada, num certo sentido, como a última palavra da mariologia. Contudo, a Assunção que aqui é expressa de modo magnífico possui contemporaneamente um seu sentido eclesiológico. Contempla Maria não só como Rainha de toda a criação, mas como Mãe da Igreja. E como Mãe da Igreja, Maria elevada e coroada no céu, não deixa de ser “envolvida” na história da Igreja, que é a história da luta entre o bem e o mal. São João escreve: “Apareceu então outro sinal no céu: um grande dragão vermelho” (Ap 12, 3). Este dragão é conhecido pela Sagrada Escritura como inimigo da Mulher, desde os primeiros capítulos do livro do Gênesis (cf. Gn 3, 14). No Apocalipse, o mesmo dragão coloca-se diante da Mulher que está para dar à luz, preparando-se para lhe devorar o filho apenas ele nascesse (cf. Ap 12, 4). O pensamento dirige-se de modo espontâneo para a noite de Belém e para a ameaça que o édito perverso de Herodes representava para a vida de Jesus recém-nascido, o qual mandava “matar todos os meninos de Belém e de todo o seu território, da idade de dois anos para baixo” (Mt. 2, 16). De tudo quanto o Concílio Vaticano II escreveu, emerge de modo singular a imagem da Mãe de Deus, profundamente inserida no mistério de Cristo e da Igreja. Maria, Mãe do Filho de Deus, é ao mesmo tempo Mãe de todos os homens, que no Filho se tornaram filhos adotivos do Pai celeste. Manifesta-se precisamente aqui a incessante luta da Igreja. Como uma mãe, à semelhança de Maria, a Igreja gera filhos para a vida divina, e os seus filhos, filhos e filhas no Filho unigênito de Deus, são constantemente ameaçados pelo ódio do “dragão vermelho”: satanás. O autor do Apocalipse, enquanto mostra o realismo desta luta que continua na história, também põe em relevo a perspectiva da vitória definitiva por obra da mulher, de Maria que é a nossa Advogada, poderosa aliada de todas as nações da terra. O autor do Apocalipse fala desta vitória: “E ouvi uma voz chamar no céu: “agora chegou a salvação, o poder e o Reino do nosso Deus e o poder do Seu Cristo” ” (12, 10). A solenidade da Assunção apresenta-nos o reinar do nosso Deus e o poder de Cristo sobre toda a criação. Juntos louvemos a Mãe de Cristo e da Igreja, unidos a quantos a venerarem em todas as partes da terra. Quanto desejaria que em toda a parte e em cada língua se exprimisse a alegria pela assunção de Maria! Como desejaria que deste mistério brotasse uma luz vivíssima sobre a Igreja e sobre a humanidade! Cada homem e cada mulher tome consciência de ser chamado, de modos diversos, a participar na glória celeste da sua verdadeira Mãe e Rainha. Todo homem e toda a mulher são chamados a ser participantes da glória, como diz Santo Ireneu: “*Glória Dei vivens homo, vita autem hominis visio Dei*”. São palavras que contêm em si a nossa vocação pessoal no mundo e na Igreja. Louvado seja Jesus Cristo!

L’Osservatore Romano, ed. port. n.33, 19/08/1995, pag. 03(387)
Do Livro: A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa João Paulo II
Referência [19]

5. O papel da mulher a partir de Maria

- ▶ Em Maria a dignidade feminina atinge sua maior expressão.
 - ↻ A atitude de Maria é de fé e de obediência a Deus. ↻ Restaurou com o seu “*Fiat*” o que Eva destruiu, tornando-se a Mãe dos *novos* viventes.
 - ↻ Em Maria, Deus reuniu toda a grandeza e a beleza feminina.
 - ↻ Ela é a encarnação da mulher ideal, através da qual se realizou e se plenificou o pensamento de Deus sobre a mulher.
 - ↻ Maria é a “*mulher nova e perfeita cristã que resume em si mesma as situações mais características da vida feminina porque é Virgem, Esposa, Mãe*” (Paulo VI).

- ▶ Como Maria pode ser hoje modelo do *ser mulher*?
 - ↻ Virtudes e disposições que as mulheres de hoje precisam descobrir e imitar:
 - Humildade*: tendo modesto conceito de si mesma;
 - Caridade*: para com Deus e para com o próximo;
 - Fé*: em todos os momentos, sem duvidar do poder de Deus;
 - Esperança*: abandono completo à Providência Divina;
 - Confiança*: incondicionalmente na intervenção de Deus nos acontecimentos mais cruciais da vida;
 - Pureza*: conservando a *castidade* por toda a sua vida;
 - Pobreza*: material e espiritual por amor;
 - Obediência* sempre à vontade divina;
 - Despojamento*: de toda vontade própria.

- ▶ Toda a vida de Maria foi um contínuo exercício de *paciência* e um total servir com amor.

- ▶ Maria teve *vida de oração*, oração contínua e perseverante, livre de distrações.

- ▶ Sua alma vivia recolhida em Deus, conservando o silêncio interior.

- ▶ Mulher equilibrada, forte, sábia, silenciosa.

- ▶ Cumpre-se em sua pessoa as Palavras ditas sobre a conduta da mulher: “*é um dom de Deus uma mulher sensata e silenciosa, e nada se compara a uma mulher bem-educada. A mulher santa e honesta é uma graça inestimável*” (Eclo 26, 17-19).

- ▶ “*A mulher em cujo rosto brilham os traços de Maria é uma bênção para o mundo*” (Strada, 1989).

- ▶ Modelo para os homens:
 - ↻ cristãos autênticos e verdadeiros,
 - ↻ serem “*filhos de Deus íntegros no meio de uma sociedade depravada e maliciosa, onde brilhaiis como luzeiros no mundo*” (Fl 2, 15),
 - ↻ imitarem suas virtudes, principalmente de humildade, obediência, caridade, fé, esperança, pureza, fortaleza, piedade,

estarem atentos como aqueles serventes do casamento em Caná, para os quais ela diz: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” (Jo 2, 5).

Texto11: *Maria, modelo de ser cristão*

Eliane Portalone Crescenti

Diante do desígnio de Deus, homem e mulher são chamados a viver em aliança com Ele. Deus, na criação, escolhe homem e mulher para realizarem o projeto do seu coração.

A atitude do primeiro homem, Adão, e da primeira mulher, Eva, traduz-se na desobediência a Deus, causa da morte e do pecado. Pelo homem e pela mulher entrou o pecado no mundo, como ressalta São Paulo: “*Como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim a morte passou a todo gênero humano, porque todos pecaram*” (Rm 5, 12). Se por um lado, por Eva, o pecado entrou no mundo, por outro encontramos exemplos de mulheres escolhidas por Deus que foram protagonistas da história do povo.

No Antigo Testamento encontramos, por exemplo, Ester e Judite, mulheres ativas e obedientes a Deus que intervêm em favor de seu povo; Débora, juíza e profetiza; Rebeca, Raquel e Rute, modelos de piedade, fidelidade a Deus e da figura feminina virtuosa.

No Novo Testamento, a figura feminina encontra a plena realização de sua dignidade. É em Maria que a dignidade feminina atinge sua maior expressão. A atitude de Maria é de fé e de obediência a Deus. Restaurou com o seu “*Fiat*” o que Eva destruiu, tornando-se a Mãe dos *novos* viventes.

Em Maria, Deus reuniu toda a grandeza e a beleza feminina. Ela é a encarnação da mulher ideal, através da qual se realizou e se plenificou o pensamento de Deus sobre a mulher. Maria é a “*mulher nova e perfeita cristã que resume em si mesma as situações mais características da vida feminina porque é Virgem, Esposa, Mãe*” (Paulo VI).

De que forma então Maria pode ser tomada como modelo e fonte de inspiração para as mulheres? Como Maria pode ser hoje modelo do *ser mulher*?

A figura de Maria possui um valor permanente, independente do tipo de vida que levou e do ambiente sócio-cultural em que viveu. Maria é a educadora da mulher ideal. Nela encontramos virtudes e disposições que as mulheres de hoje precisam descobrir e imitar.

Ela foi *humilde*, tendo modesto conceito de si mesma. Viveu a *caridade* para com Deus e para com o próximo. Mulher de *fé* em todos os momentos, jamais duvidou do poder de Deus. Mulher da *esperança*, abandona-se completamente à Providência Divina, confiando incondicionalmente na intervenção de Deus nos acontecimentos mais cruciais de sua vida. Mulher *pura*, conservou a *castidade* por toda a sua vida. Viveu a *pobreza* material e espiritual por amor. Obedeceu sempre à vontade divina. Despojada de toda vontade própria pôde ser mulher *obediente* a Deus e, “*por sua obediência, reparou o dano causado pela desobediência de Eva*” (S. Irineu).

Toda a sua vida foi um contínuo exercício de *paciência* e um total servir com amor. Maria teve *vida de oração*, oração contínua e perseverante, livre de distrações. Sua alma vivia recolhida em Deus, conservando o silêncio interior.

Mulher equilibrada, forte, sábia, silenciosa. Cumpre-se em sua pessoa as Palavras ditas sobre a conduta da mulher: “*é um dom de Deus uma mulher sensata e silenciosa, e nada se compara a uma mulher bem-educada. A mulher santa e honesta é uma graça inestimável*” (Eclo 26, 17-19). “*A mulher em cujo rosto brilham os traços de Maria é uma bênção para o mundo*” (Strada, 1989).

Cabe a nós, mulheres, tomarmos Maria como modelo, procurando imitar suas virtudes, trazendo em nossa feição a sua feição, trazendo no nosso proceder o seu proceder, trazendo no coração o convite que nos faz: ser mulher segundo os desígnios de Deus, ser mulher de Deus.

E a vocês, homens, nossos irmãos, Maria se coloca como modelo de ser cristão autêntico e verdadeiro, de forma que vocês possam ser “*filhos de Deus íntegros no meio de uma sociedade depravada e maliciosa, onde brilhaís como luzeiros no mundo*” (Fl 2, 15), procurando imitar suas virtudes, principalmente de humildade, obediência, caridade, fé, esperança, pureza, fortaleza, piedade. Deveis estai atentos como aqueles serventes do casamento em Caná, para os quais ela diz: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” (Jo 2, 5).

6. Devoção mariana

6.1. Culto das imagens

✠ “*ensina o sagrado Concílio esta doutrina católica, e ao mesmo tempo recomenda a todos os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico, que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela, aprovado no decorrer dos séculos pelo Magistério*” (LG, 67).

✠ Os padres conciliares queriam reafirmar a validade de algumas orações como o Rosário e o *Angelus* como meios eficazes para alimentar a vida de fé e a devoção à Virgem.

✠ “*Nós definimos - declararam os padres da assembléia conciliar - com todo o rigor e cuidado que, à semelhança da representação da cruz preciosa e vivificante, assim as venerandas e sagradas imagens pintadas quer em mosaico quer em qualquer outro material adaptado, devem ser expostas nas santas igrejas de Deus, nas alaias sagradas, nos paramentos sagrados, nas paredes e mesas, nas casas e ruas; sejam elas a imagem do Senhor Deus e Salvador nosso Jesus Cristo, ou a da imaculada Senhora nossa, a Santa Mãe de Deus, dos santos anjos, de todos os santos e justos*” (DS, 600).

✠ Evocando essa definição, a *Lumen gentium* quis reafirmar a legitimidade e a validade das imagens sagradas.

✠ O II Concílio de Nicéia não se limita a afirmar a legitimidade das imagens, mas procura ilustrar a sua utilidade para a piedade cristã:

“Com efeito, quanto mais freqüentemente estas imagens foram contempladas, tanto mais os que as virem serão levados à recordação e ao desejo dos modelos originários e a tributar-lhes, beijando-as, respeito, e veneração” (DS, 601).

✝ As imagens, os ícones e as estátuas de Nossa Senhora, presentes nas casas, nos lugares públicos e em inúmeras igrejas e capelas, ajudam os fiéis a invocar a sua presença constante e o seu misericordioso patrocínio nas diferentes circunstâncias da vida. Ao tornarem concreta e quase visível a ternura materna da Virgem, elas convidam a dirigir-se a Ela, a suplicar-lhe com confiança e a imitá-la, acolhendo com generosidade a vontade divina.

✝ Adorando a imagem de Cristo a pessoa do Verbo Encarnado, os fiéis realizam um genuíno ato de culto, que nada tem em comum com a idolatria; ao venerar as representações de Maria, o crente realiza um ato destinado em definitivo a honrar a pessoa da Mãe de Jesus.

✝ O Vaticano II exorta, porém, os teólogos e os pregadores a evitarem tanto exageros como atitudes de demasiada estreiteza na consideração da dignidade singular da Mãe de Deus:

“Estudando, sob a orientação do Magistério, a Sagrada Escritura, os Santos Padres e Doutores, e as liturgias da Igreja, expliquem como convém as funções e os privilégios da Santíssima Virgem, os quais dizem todos respeito a Cristo, origem de toda verdade, santidade e piedade” (LG, 67).

✝ A autêntica doutrina mariana é assegurada pela fidelidade à Escritura e à Tradição, assim como aos textos litúrgicos e ao Magistério. A sua característica imprescindível é a referência a Cristo: tudo, de fato, em Maria deriva de Cristo e para Ele está orientado.

✝ O Concílio oferece alguns critérios para os fiéis viverem de maneira autêntica a sua relação filial com Maria:

“E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes” (LG, 67).

Texto 12: Culto das imagens

1. Depois de ter justificado doutrinariamente o culto da Bem-aventurada Virgem, o Concílio Vaticano II exorta todos os fiéis a tornarem os seus promotores: “Muito de caso pensado ensina o sagrado Concílio esta doutrina católica, e ao mesmo tempo recomenda a todos os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico, que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela, aprovado no decorrer dos séculos pelo Magistério” (LG, 67).

Com esta última afirmação os padres conciliares, sem chegar a determinações particulares queriam reafirmar a validade de algumas orações como o Rosário e o *Angelus*, caras à tradição do povo cristão e freqüentemente encorajadas pelos Sumos Pontífices, como meios eficazes para alimentar a vida de fé e a devoção à Virgem.

2. O texto conciliar prossegue pedindo aos crentes que “mantenham fielmente tudo aquilo que no passado foi decretado acerca do culto das imagens de Cristo, da Virgem e dos santos” (LG, 67).

Repropõe assim as decisões do II Concílio de Nicéia, que se realizou no ano de 787 e confirmou a legitimidade do culto das imagens sagradas, contra quantos queriam destruí-las, considerando-as inadequadas para representar a divindade.

“Nós definimos ´declararam os padres daquela assembléia conciliar´ com todo o rigor e cuidado que, à semelhança da representação da cruz preciosa e vivificante, assim as venerandas e sagradas imagens pintadas quer em mosaico quer em qualquer outro material adaptado, devem ser expostas nas santas igrejas de Deus, nas alfaias sagradas, nos paramentos sagrados, nas paredes e mesas, nas casas e ruas; sejam elas a imagem do Senhor Deus e Salvador nosso Jesus Cristo, ou a da imaculada Senhora nossa, a Santa Mãe de Deus, dos santos anjos, de todos os santos e justos” (DS, 600).

Evocando essa definição, a *Lumen gentium* quis reafirmar a legitimidade e a validade das imagens sagradas em relação a algumas tendências que têm em vista eliminá-las das igrejas e dos santuários, a fim de concentrar toda a atenção em Cristo.

3. O II Concílio de Nicéia não se limita a afirmar a legitimidade das imagens, mas procura ilustrar a sua utilidade para a piedade cristã: “Com efeito, quanto mais freqüentemente estas imagens foram contempladas, tanto mais os que as virem serão levados à recordação e ao desejo dos modelos originários e a tributar-lhes, beijando-as, respeito, e veneração” (DS, 601).

Trata-se de indicações que valem de modo particular para o culto da Virgem. As imagens, os ícones e as estátuas de Nossa Senhora, presentes nas casas, nos lugares públicos e em inúmeras igrejas e capelas, ajudam os fiéis a invocar a sua presença constante e o seu misericordioso patrocínio nas diferentes circunstâncias da vida. Ao tornarem concreta e quase visível a ternura materna da Virgem, elas convidam a dirigir-se a Ela, a suplicar-lhe com confiança e a imitá-la, acolhendo com generosidade a vontade divina.

Nenhuma das imagens conhecidas reproduz o rosto autêntico de Maria, como já reconhecia Santo Agostinho (De Trinitate 8,7); contudo, ajudam-nos a estabelecer relações mais vivas com Ela. Deve ser encorajado, portanto o uso de expor as imagens de Maria nos lugares de culto e noutros edifícios, para sentir a sua ajuda nas dificuldades e o apelo a uma vida cada vez mais santa e fiel a Deus.

4. Para promover o correto uso das sagradas efígies, o Concílio de Nicéia recorda que “a honra tributada a imagem, na realidade, pertence àquele que nela é representado; e quem venera a imagem, venera a realidade daquele que nela é reproduzido” (DS, 601).

Assim, adorando a imagem de Cristo a pessoa do Verbo Encarnado, os fiéis realizam um genuíno ato de culto, que nada tem em comum com a idolatria.

De maneira análoga, ao venerar as representações de Maria, o crente realiza um ato destinado em definitivo a honrar a pessoa da Mãe de Jesus.

5. O Vaticano II exorta, porém, os teólogos e os pregadores a evitarem tanto exageros como atitudes de demasiada estreiteza na consideração da dignidade singular da Mãe de Deus. E acrescenta: “Estudando, sob a orientação do Magistério, a Sagrada Escritura, os Santos Padres e Doutores, e as liturgias da Igreja, expliquem como convém as funções e os privilégios da Santíssima Virgem, os quais dizem todos respeito a Cristo, origem de toda verdade, santidade e piedade” (LG,67).

A autêntica doutrina mariana é assegurada pela fidelidade à Escritura e à Tradição, assim como aos textos litúrgicos e ao Magistério. A sua característica imprescindível é a referência a Cristo: tudo, de fato, em Maria deriva de Cristo e para Ele está orientado.

6. O Concílio oferece, por fim, aos crentes alguns critérios para viverem de maneira autêntica a sua relação filial com Maria: “E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes” (LG, 67).

Com estas palavras os Padres conciliares advertem contra a “vã credulidade” e o predomínio do sentimento. Eles têm em vista sobretudo reafirmar que a devoção mariana autêntica, procedendo da fé e do amoroso reconhecimento da dignidade de Maria, impele ao afeto filial para com ela e suscita o firme propósito de imitar as suas virtudes.

L’Osservatore Romano, ed. port. n.44, 01/11/1997, pag. 12(520)
Do Livro: A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa João Paulo II
Referência [19]

6.2. O Rosário

A oração é o modo pelo qual dialogamos com o nosso Criador. É a maneira de nos comunicarmos com Deus, de nos expressarmos e de ouvi-lo no mais íntimo de nosso ser. Orar é elevar a voz ao céu em atitude de adoração e contemplação Àquele que nos ama infinitamente. A oração “*é um impulso do coração, é um simples olhar lançado ao céu, um grito de reconhecimento e amor no meio da provação ou no meio da alegria*” (Santa Terezinha de Lisieux).

A oração não se mede por parâmetros humanos, mas pela fé. “*A oração cristã é uma relação de Aliança entre Deus e o homem em Cristo. É a ação de Deus e do homem; brota do Espírito e de nós, dirigida para o Pai, em união com a vontade humana do Filho de Deus feito homem*” (CIC 2564).

O Rosário

- Nossa Senhora, modelo de pessoa orante, pede que oremos uma oração simples, revestida de poder e humildade: o rosário;
- Em Fátima, pediu: “*rezem o terço todos os dias para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra*”;
- O rosário é a prece que N. Sra. trouxe do céu;
- Pio X: “*o rosário é a mais bela e a mais preciosa de todas as orações à Medianeira de todas as graças: é a prece que mais toca o coração da Mãe de Deus. Rezai-o todos os dias*”

Com a oração do rosário pode se alcançar: transformação dos corações, conversão das almas, arrependimento dos pecadores

Origem do Rosário

- Rosário palavra de origem latina: *rosariu* = jardim de rosas/ coroa de rosas
- Forma estrutural:
Creio, 5 Pai Nosso, 150 Ave Maria, 5 Glórias, Jaculatórias, Salve Rainha
- Origem:
rezava-se no século IX nos mosteiros, os 150 Salmos - 150 Pai Nossos - 150 Ave Marias (Saltério Mariano)
- Mistérios:
Séc. 14: monge Henrique de Kalkar: separou as 150 saudações angélicas em dezenas, intercalando cada dezena com um Pai Nosso;
1470: Alan de Rupe – frade dominicano acrescentou a cada Ave Maria um pensamento;
1700: São Luís Maria de Monfort: compôs a meditação dos mistérios como fazemos hoje;
1727: forma aprovada na Constituição *Pretiosus* pelo Papa Bento XIII.

O que é o Rosário?

- oração mariana que nos aproxima dos Mistérios da Salvação;
- oração bíblica;
- oração cristológica;
- oração eclesial.

Os *Papas* que incentivaram e difundiram a oração do rosário foram: Pio IX, Leão XIII, chamado o Papa do Rosário, São Pio X, Bento XV, Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI e João Paulo II.

Mudanças:

- acréscimo de um mistério: mistérios luminosos
- estrutura atual: 4 mistérios
gozosos / luminosos / dolorosos / gloriosos

O porquê da mudança:

- perigo desta oração ser desvalorizada e não proposta às novas gerações;
 - perigo da diminuição da importância do rosário, como se este se opusesse à Liturgia;
- perigo de considerar que esta oração revela-se pouco ecumênica.

Objetivo principal:

- um meio validíssimo para favorecer o compromisso da contemplação do mistério cristão proposto na carta apostólica *Novo Millennio Ineunte* como verdadeira e própria pedagogia da santidade
- o rosário situa-se na melhor e mais segura tradição da contemplação cristã

Eficácia do rosário

É uma oração eficaz por ser: bíblica, humilde, simples, profunda, contemplativa, que produz unidade, libertadora, que promove a paz.

Do livro: Rosário, caminho da paz
Eliane Portalone Crescenti
Referência [13]

Texto 13: O Rosário na história: desde o começo até à consolidação da sua estrutura atual

É quase impossível voltar a percorrer com precisão os passos que levaram à atual estrutura do Rosário. Mas podemos, ao contrário, seguir o nascimento e o desenvolvimento dos motivos básicos, que se relacionaram entre si dando origem a uma síntese de sentido e a um método de oração.

Antes de mais, a oração contínua muitas vezes condensou-se numa fórmula breve. A este respeito é conhecido a sugestão de repetir: `Vinde depressa, Senhor, ter comigo, vós sois a minha ajuda` (Sl 69, 2; Cassiano, Conferência 10, 10), ou a exortação: `Respirai sempre Cristo` (Santo Atanásio, Vida de Antônio, 91, 3), da qual aparecerá o exicasm.

Mas a repetição levou à oração numérica, porque repetição e tempos de espera indeterminados geram ansiedade, enquanto um número apresenta um limite e um termo.

A oração numérica deu origem ao sentido do número: quantas fórmulas e em referência a quê? A resposta foi: em referência ao Saltério. Relacionada com esta intuição surgiu outra, a substituição, no sentido de que um determinado número de fórmulas breves substituiu os Salmos. A práxis fortaleceu-se sobretudo quando um número crescente de pessoas já não era capaz de ter acesso ao Saltério. Desta forma, verificou-se a substituição do Saltério com 150 fórmulas, ou a substituição das horas canônicas através de um número variante de Pater e Ave para cada uma. Foi dito num latim macarrônico: `Qui non potest psallere debet patere quem não pode recitar os Salmos deve recitar alguns Pater` (Cf. Meersseman, Ordo fraternitatis III, págs. 1444-1445).

Com a tendência numérica, afirmou-se na oração a atenção aos `mistérios` de Cristo. Já presente nos Padres, a devoção à humanidade de Cristo para alguns derivaria da adoração da Cruz na Sexta-Feira Santa, cada vez mais carregada de ressonâncias afetivas e marianas. Desta tríplice tendência - mistérios de Cristo, dimensão mariana, ressonância afetivas - com vista ao Rosário interessam duas realizações: os Saltérios marianos e as meditações sobre a vida de Cristo.

Os Saltérios marianos começaram no século XII em algumas comunidades cistercienses com o uso de acrescentar aos Salmos uma antífona mariana. Derivou daqui a tendência para editar unicamente as antífonas e compor diretamente Saltérios marianos, como aquele que é atribuído a Santo Anselmo de Aosta (+ 1213), com 150 antífonas rítmicas derivadas do versículo de um salmo.

No que se refere às meditações, uma certa antecipação da estrutura do Rosário encontra-se nas Meditações sobre as alegrias da Santa Virgem do cisterciense Estêvão de Sallay (falecido em 1252), que propõe um exercício de oração de 15 `alegrias` marianas divididas em três secções. Se o número 15 e as alegrias relacionam o que se escreveu com o Rosário, a complexidade e o comprimento marcam a sua diferença. Foram mais decisivas em relação ao espírito do Rosário as Meditaciones vite Christi, do início de 1300, atribuídas a São Boaventura e agora a João de Caulibus e disponíveis numa edição crítica no volume 153 do CCCM. As meditações sobre a vida pública de Jesus começam com o batismo e concluem-se com a última ceia (cap. 16-73) e é prestada atenção à presença de Maria: a Ela Jesus pede a bênção antes do ministério público recebendo a sua resposta: `Vai, com a bênção do Pai e com a minha` (pág. 173, 9-10); a Ela, na ceia em Betânia (cap. 72), mesmo se `a Escritura não fala disto` (pág. 240, 2-3), Cristo revela a iminência da paixão e aparece-Lhe Ressuscitado

(cap. 82) saudando-a: `Salve sancta parens` (pág. 301, 28-29). Mais determinante para o Rosário foi a Vita Jesu Christi e quattuor Evangelis et scriptoribus orthodoxis concinnata ou Vida de Cristo, de Ludolfo de Saxónia (+ 1377), publicada em Estrasburgo em 1474 e que, em pouco tempo, chegou a 78 edições latinas. O autor, dominicano, e depois cartuxo, com um esquema vasto (da geração do Verbo à parúsia), com citações de Padres e de autores medievais, com a conclusão orante de cada capítulo, contribui para enraizar estavelmente a referência aos mistérios de Cristo na oração pessoal.

Mudaram também as fórmulas. No início, a mais usada foi o Pai Nosso, tanto que Paternoster designava o instrumento para contar as orações. Depois, devido a vários fatores - incluindo a tradução do Akathistos em latim por volta do século IX - começou a prevalecer o uso do Ave, como testemunham São Pedro Damiano (+ 1072) e um sínodo parisiense realizado por volta de 1200, que acrescentou ao Pater e ao Credo o Ave como oração quotidiana a ser ensinada ao povo (PL 145, 564; Mansi 22, 681). Formou-se assim um `Rosário` de 50 Ave e um `Saltério` de 150 Ave, que já no século XIII era recitado por pessoas devotas individualmente ou em grupos, como a Santimónia de Gand.

No que diz respeito ao instrumento, no antigo Paladino fala-se de um certo Paulo que recitava 300 formas por dia, recolhendo `igual número de pequenas pedras que levava no peito lançando fora uma por cada oração feita` (História lausíaca 20, 1). Depois era usada uma corda com nós, que alguns dizem que se tenha afirmado, através da Espanha, por influência da corda enodada - a subha ou tashbi - que no islão servia e serve para contar os 99 Nomes divinos e para apoiar o dirk, isto é, a recordação do Nome: não é possível demonstrar esta derivação mas é bonito pensar que seja verdadeira. Entre os cristãos do Oriente afirmou-se um análogo terço de corda ou de lã denominado kombológion ou Komboskoínon (kómbos em grego significa nó).

Por fim, a influência do teatro como animação litúrgica e depois como representação dos mistérios fora da liturgia fundou o aspecto da criação de imagens da meditação e a referência visual do Rosário: o quadro ou as imagens de um livro.

A convergência de todos estes fatores exigia um método de oração que os simplificasse e os harmonizasse. Isto verificou-se com três intervenções decisivas mesmo se não estavam coordenadas.

A primeira foi a divisão do Saltério das 150 Ave em 15 dezenas, sendo cada uma delas precedida de um Pater (na época o Ave não incluía a atual Segunda parte nem assuntos a serem meditados). A operação é atribuída ao cartuxo Enrico Egger de Kalcar (+ 1408), que outros, e não ele, fazem remontar a uma sugestão de Nossa Senhora. A divisão era feliz porque conservava o número 150 - o Saltério - e ritmava o seu comprimento adotando o esquema decimal, o mais óbvio porque se baseava nos dedos das mãos.

A segunda intervenção remonta ao cartuxo Domingos da Prússia (+ 1460), que, partindo do Rosário das 50 Ave, uniu uma cláusula ao nome de Jesus variante para cada uma, compondo um rosário ininterrupto de 50 Ave e 50 cláusulas e inspirando-se num opúsculo que resumia a Vida de Cristo de Ludolfo. Este rosário era o espelho e o equilíbrio perfeito do seu tempo e talvez um equilíbrio absoluto. De fato, não substituía nem a liturgia nem a Escritura; unia a inspiração da oração numérica com a meditação dos mistérios de Cristo; concedia espaço ao que, comovendo, podia suscitar devoção (14 cláusulas à infância, 23 à paixão, apenas 7 à glória); permanecia aberto a toda a vida de Cristo com 6

cláusulas sobre a vida pública: Jesus, `que João batizou no Jordão, indicando-o como o cordeiro de Deus / que jejuou durante quarenta dias no deserto e que satanás tentou três vezes / que, tendo reunido os discípulos, anunciou ao mundo o reino dos céus / que restituiu a vista aos cegos, curou os leprosos, os parálíticos e libertou todos os que estavam oprimidos pelo diabo / cujos pés Maria Madalena lavou com as suas lágrimas, enxugou com os cabelos, beijou e cobriu de perfume / que ressuscitou Lázaro morto havia já três dias e também outros mortos`.

Mas a intervenção decisiva foi feita pelo dominicano bretão Alano de la Toche (+ 1475), que estabilizou o Rosário assumindo-o também como instrumento pastoral. Com esta finalidade, instituiu a primeira confraria entre 1464 e 1468, aprovada pela ordem dominicana a 16/5/1470: tratava-se de antigas confrarias que Alano revitalizou dando-lhes a oração do Saltério mariano, revigorando-as com a pregação e um novo impulso. Tudo isto tornou usual, naquele tempo, uma oração que por si só, talvez tivesse desaparecido com os seus inspiradores. Alano conhecia e recomendava muitos rosários ou saltérios, com o Pater ou com Ave, só cristológicos ou só marianos, com ou sem cláusulas. Mas preferia as 15 dezenas em virtude dos 15 Pater que, segundo uma crença, num ano honravam as feridas da paixão do Senhor, que teriam sido 5475, isto é, 365 (os dias do ano) vezes 15. Alano insistia sobre o Saltério: todos os dias os confrades deviam rezar com 150 fórmulas e evitar o mais possível a palavra rosário que, na época, tinha uma marca mundana. Entre as numerosas propostas de Alano encontra-se também o nosso atual Rosário, como um `Rezar diretamente dirigindo-se a Cristo. E assim, as primeiras cinqüenta sejam rezadas em honra de Cristo encarnado. A segunda de Cristo que sofre a paixão. A terceira em honra de Cristo que ressuscita, que se eleva ao céu, que manda o Paráclito, que se senta à direita do Pai, que virá para julgar` (Apologia 14, 20). Por fim, Alano deu ao Saltério da Virgem um fundamento espiritual, reencontrando-o na oração dos monges, dos Padres, dos Apóstolos e da própria Virgem Maria, que o entregou de maneira particular a São Domingos. Este último é um clamoroso falso historiador, mas devemos reconhecer a habilidade de Alano, que impôs esta interpretação a toda a iconografia, e não só à iconografia.

Como passou o Rosário da fluidez ainda presente em Alano à estabilidade que conhecemos? Tratou-se de um processo ao mesmo tempo espontâneo e em estímulos convergentes nos quais agiram: certas preferências de Alano sobre os três grupos e sobre as 15 dezenas; o impulso unificador derivante da confraria; o uso do quadro e a exigência de um critério único de dispor os mistérios; a estabilização que sucede ao começo variado de qualquer experiência; a referência ao modo de lucrar as indulgências e, posteriormente, o clima da contra-reforma que tendia para a exatidão na oração.

Os mistérios são quase os atuais na xilografia de Francisco Domenech de 1488 e na área espanhola. Em Veneza, em 1521, Alberto de Castello publicava o Rosário da gloriosíssima Virgem Maria, mantendo 150 cláusulas, mas unindo a meditação com o Pater e denominando-a `mistério` e, por conseguinte, favorecendo a ordem atual. Deve notar-se que a publicação ainda considera o rosário uma oração visual, com 165 imagens, uma para cada Pater e Ave.

A intervenção de São Pio V foi principalmente a Bula Consueverunt (17/9/1569), na qual se lê que `o Rosário ou Saltério da Bem-Aventurada Virgem Maria` é uma `forma de oração` através da qual Maria `é venerada com a Saudação Angélica repetida 150 vezes segundo o número dos Salmos de David, intercalando cada dez Ave com a oração do Senhor, com meditações que ilustram

toda a vida do mesmo Senhor Jesus Cristo`. Para uma leitura correta é preciso notar que não apresenta o elenco dos mistérios; não são mencionadas as cláusulas, mas sim o Saltério; a meditação parece estar ligada ao Pater (segundo a fórmula precedente de Alberto de Castello) e estende-se a `toda` a vida de Cristo.

De Alano em diante, incluindo o Magistério, deve-se observar que por meditação se entende sempre mais a oração mental - da qual o esquema de repetir as palavras meditando - e menos a repetição ligada aos lábios, segundo a sentença: `os iustii meditabitur sapientiam / os lábios do justo meditam a sabedoria` (SI 36, 30). Além disso, os documentos papais até Leão XIII, excluindo-o, descrevem o Rosário principalmente em função de determinar as suas indulgências. Por fim, a referência ao Saltério foi-se enfraquecendo cada vez mais, e após a morte de Alano a confraria de Colônia passava a obrigação das 150 fórmulas de diária para semanal e autorizava a divisão em cinquenta.

A estabilização acima descrita acompanhará o Rosário até aos nossos dias, com a persistência das cláusulas na área anglossaxônica. O resto pertence a preciosismos destinados a não terem continuidade - como o Rosário místico dos dons excelentes e das graças que Deus deu à Bem-Aventurada Maria Madalena, do cartuxo Lanspergio (+ 1539) - ou a variáveis que não afetam a estrutura do Rosário, ou à história do seu uso pastoral. Paulo VI na MC 51 previa `exercícios de piedade que vão buscar a sua força ao Rosário`, mas que não alteravam a sua estrutura. A recente carta Apostólica RVM propõe novamente, refundindo-os de novo, alguns elementos de método (as cláusulas, mas não só) e de conteúdo (os mistérios da luz). Também isto já é história, mas nós ainda o vemos como atualidade.

L' OSSERVATORE ROMANO` Nº 3 –
Ano 18 de Janeiro de 2003
RICCARDO BARILE - Professor na Faculdade
Teológica Dominicana de Bolonha

6.3. Festas Solenes de Nossa Senhora

MARIA, SS. MÃE DE DEUS: 1 DE JANEIRO

N. S. DE LOURDES: 11 DE FEVEREIRO

N.S. DE FÁTIMA: 13 DE MAIO

VISITAÇÃO: 31 DE MAIO

N. S. DO CARMO: 16 DE JULHO

ASSUNÇÃO: 15 DE AGOSTO

N. S. RAINHA: 22 DE AGOSTO

NATIVIDADE: 8 DE SETEMBRO

N. S. DAS DORES: 15 DE SETEMBRO

N. S. DO ROSÁRIO: 7 DE OUTUBRO

N. S. APARECIDA: 12 DE OUTUBRO
APRESENTAÇÃO: 21 DE NOVEMBRO
IMACULADA CONCEIÇÃO: 8 DE DEZEMBRO
N. S. DE GUADALUPE : 12 DE DEZEMBRO

7. Diversos textos sobre Maria

Texto 14: As sete dores de Maria

Ir. Fabiana Souza Duca de Aguiar, cmes

Quando meditamos no mistério da redenção, não podemos nos esquecer de Maria, a grande Mãe e Mulher que acompanhou os passos de Jesus e também assumiu com muita fé todos os momentos de dores na sua caminhada.

Estes momentos que marcaram a história de Maria nos ajudam a aceitar a vontade de Deus em nossas vidas. Saibamos contemplar as sete dores de Maria e a seguir seu fiel exemplo de santidade.

Caminheemos ao lado de Maria e deixemos que a sua paz e serenidade direcionem nossos passos.

1ª dor : Maria acolhe a profecia de Simeão

No momento em que Jesus é apresentado no templo, Maria ouve atentamente as palavras de Simeão: "E uma espada transpassará a tua alma" (Lc 2,35b).

Consciente da dor que sofreria, Maria poderia ter recusado continuar a missão, mas sua fé não vacila e, por isso, acolhe em seu coração a vontade de Deus.

2ª dor: Maria foge para o Egito com Jesus e José

"Levanta-te, toma contigo o menino e sua mãe e foge para o Egito, e permanece lá até que eu te avise, porque Herodes está procurando o menino para matá-lo. José levantou-se, tomou consigo o menino e sua mãe durante a noite e fugiu para o Egito". (Mt 2,13-14)

Maria se coloca como o escudo protetor que defende e protege o Menino Jesus, porém, sofre as dores de ter que esconder o menino Deus e de assumir o sofrimento humano de todas as mães que perdem seus filhos nesta terrível perseguição.

3ª dor: Maria procura Jesus perdido no templo

"Transcorridos os dias da festa, enquanto pegavam o caminho de volta, o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. Pensando que ele estivesse na caravana, fizeram um dia de viagem e depois se puseram a procurá-lo entre os parentes e conhecidos; não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à procura dele". (Lc 2,43-45)

Maria passa pela angústia da procura quando sai ao encontro de Jesus, porém, sua esperança continua inabalável. Nesse momento a Mãe da humanidade

assume o sofrimento daquelas mães que encontram seus filhos perdidos no caminho quando são arrastados pelo pecado.

O zelo e a preocupação maternal de Maria devem ser imitados pelas mães que se acomodam na missão e vivem apenas se lamentando dos acontecimentos.

4ª dor: Maria encontra Jesus no caminho do calvário

"Enquanto levavam Jesus, tomaram certo Simão Cirineu e colocaram sobre ele a cruz para levá-la atrás de Jesus. Seguia-o uma grande multidão de povo e de mulheres que batiam no peito e se lamentavam por causa dele". (Lc 23,26-27)

O olhar de Maria penetra no olhar de seu Filho e os dois se unem no sofrimento. A presença da Mãe fortalece Jesus na caminhada. E no silêncio os dois caminham juntos.

5ª dor: Maria junto à cruz de seu filho

"Estavam junto à cruz de Jesus sua Mãe...Jesus então, vendo sua Mãe e ao seu lado o discípulo que ele amava, disse à Mãe: Mulher, eis o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis a tua mãe". (Jo 19,25-27a)

Maria se une ao sacrifício de Jesus pela salvação de toda humanidade. Aos pés da cruz, Maria assume a maternidade universal. Naquele momento os filhos de Deus recebem Maria como Mãe da Igreja.

6ª Dor: Maria acolhe em seus braços Jesus descido da cruz

"Chegada a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, o qual também se tornara discípulo de Jesus. Ele foi até Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Então Pilatos ordenou que lhe fosse entregue. José tomou o corpo de Jesus e envolveu-o num cândido lençol". (Mt 27,57-59)

Quanto sofrimento desta Mãe ao receber o corpo de Jesus, morto e sem vida! Aqui, Maria contempla o amor de seu Filho desfigurado pelo dor.

7ª Dor: Maria deposita no sepulcro o corpo de Jesus

"Os discípulos tomaram o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com óleos aromáticos. No lugar onde ele foi crucificado havia um jardim e nele um sepulcro novo, no qual ninguém ainda fora colocado. Aí colocaram o corpo de Jesus".(Jo19,40-42 a)

Maria sofre agora a dor da separação ao acompanhar o sepultamento do corpo de Jesus, porém, sua fé garante a certeza da vitória, onde o amor e a ressurreição vencem a morte.

Do livro: As sete dores de Maria Mãe de Jesus, Editora Santuário

Texto 15: Eva e Maria

Quando o Senhor veio de modo visível ao que era seu, levado pela própria criação que ele sustenta, tomou sobre si, por sua obediência, na árvore da cruz, a desobediência cometida por meio da árvore do paraíso. A sedução de que foi vítima, miseravelmente, a virgem Eva, destinada ao primeiro homem, foi desfeita pela boa-nova da verdade, maravilhosamente anunciada pelo anjo à Virgem Maria, já desposada com um homem.

Assim como Eva foi seduzida pela conversa de um anjo e afastou-se de Deus, desobedecendo à sua palavra, Maria recebeu a boa-nova pela anunciação de outro anjo e mereceu trazer Deus em seu seio, obedecendo à sua palavra. Uma deixou-se seduzir de modo a desobedecer a Deus, a outra deixou-se persuadir a obedecer-lhe. Deste modo, a Virgem Maria tornou-se advogada da virgem Eva.

Por conseguinte, recapitulando em si todas as coisas, o Senhor declarou guerra contra o nosso inimigo. Atacou e venceu aquele que no princípio, em Adão, fez de todos nós seus prisioneiros; e esmagou sua cabeça, conforme estas palavras, ditas por Deus à serpente, que se lêem no Gênesis: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça enquanto tu tentarás ferir o seu calcanhar” (Gn 3,15).

Desde esse momento, pois, foi anunciado que a cabeça da serpente seria esmagada por aquele que, semelhante a Adão, devia nascer de uma virgem. É este o descendente de que fala o Apóstolo na sua Carta aos Gálatas: “A lei foi estabelecida até que chegasse o descendente para quem a promessa fora feita” (cf. Gl 3,19).

Na mesma Carta, o Apóstolo se exprime ainda com mais clareza, ao dizer: “Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher” (Gl 4,4). O inimigo não teria sido vencido com justiça se o homem que o venceu não tivesse nascido de uma mulher, pois desde o princípio ele tinha se oposto ao homem, dominando-o por meio de uma mulher.

É por isso que o próprio Senhor declara ser o Filho do homem, recapitulando em si aquele primeiro homem a partir do qual foi modelada a mulher. E assim como pela derrota de um homem o gênero humano foi precipitado na morte, pela vitória de outro homem subimos novamente para a vida.

Do Tratado contra as heresias, de Santo Irineu, bispo
(Lib. 5,19,1:20,2;21,1:Sch 153,248-250,260-264) (Séc.II)

Texto 16: Lições da Imaculada Conceição para tempos de erotismo

Dom Amaury Castanho

Acabo de ler, recortar e reler um erudito, denso e belíssimo artigo do teólogo sacramentino Padre Paschoal Rangel.

“Pastor da Igreja, tendo me empenhado desde 1952 em Pastoral da Juventude, estou preocupado com os descaminhos que a maioria dos nossos jovens de hoje vêm percorrendo. A leitura de qualquer diário traz em suas páginas policiais graves fatos envolvendo jovens de camadas populares e da chamada elite social. Sobram vistosas e ilustradas revistas sobre nudismo feminino e masculino. Perdem-se a conta de quantos adolescentes e jovens se entregam à farra e à violência, ao tráfico e uso de drogas, desmotivados e sem valores, cuja vida vai passando de motel em motel, de “repúblicas” a “clubes” em que o sexo tem curso livre.

Vivi no meio universitário nas décadas de 1950 e 1960. Convivi com milhares de rapazes e moças, que cursavam filosofia e pedagogia, letras e direito,

odontologia, ciências econômicas e administrativas, biblioteconomia e outras faculdades. Posso atestar que a absoluta maioria levava a vida a sério não ignorando que, excepcionalmente, já existiam rapazes e moças transviados. Havia sim, mas era bem menos do que hoje. Muitos integravam a juventude universitária católica nos tempos em que recebiam uma séria formação religiosa e ético-moral, dedicando-se à evangelização do próprio meio, dos seus colegas de curso ou classe.

Correram décadas. A situação inverteu-se. Hoje, a absoluta maioria dos jovens, de modo particular universitários, descambou, pro dolor, para comportamentos tresloucados e irresponsáveis. Inúmeros adolescentes e maior número de universitários colocaram Deus de escanteio em suas vidas. Afastaram-se da Igreja, comunidade de fé, entregando-se a uma conduta que se pauta pelo indiferentismo religioso, pelo relativismo ou permissividade moral, pelo anticlericalismo.

Violência e bebidas, gandaia, drogas e sexo, é o que lhes interessa. Claro que há exceções. Talvez de 10% a 15% deles se mantenha distante desses descaminhos, inseridos em comunidades de jovens nas paróquias, integrados em novos esperançosos Movimentos da Igreja, como o Emaús, a Renovação Carismática Católica, o Focolares, as Comunidades Neo-Catecumenais, o TLC, a Canção Nova e outros. Mas certamente são minoria, desconhecidos pela grande mídia.

Em outros países do Ocidente "cristão", seria diferente a situação? A leitura, dias atrás, de uma reportagem muito bem feita na seção de livros da "Folha de S. Paulo", edição de 21 de novembro, acabou me deixando ainda mais preocupado. John Freeman analisa o livro "A Fogueira das Vaidades", de 1987, bestseller do conhecido escritor norte-americano Tom Wolfe. Antes de escrevê-lo, o autor visitou onze das grandes Universidades dos Estados Unidos, de olhos abertos para a realidade do meio universitário, entrevistando não poucos jovens dos dois sexos e professores.

Prepare-se o leitor para ler o que sintetiza o referido bestseller: "Ambientado na fictícia Universidade Dupont, o livro mergulha fundo na alma frita em óleo dos EUA e volta à tona com um retrato escandalizante do vazio pornográfico do investimento em Faculdades: as farras e bebedeiras, as traições, as transas e a adoração dos atletas... Os jovens são ignorantes porque uma coisa, e apenas uma, domina seus pensamentos: o sexo. A heroína do livro é uma moça ingênua e esforçada da zona rural da Carolina do Norte a quem a vulgaridade do ambiente social da Universidade provoca asco..."

Lá e cá as coisas não vão bem e, ao que me consta, também vão mal por toda a Europa Ocidental. Depois da queda do Muro de Berlim, do desmoronamento do Império Soviético, também na Rússia de hoje, na Hungria, nas Repúblicas Checa e Eslovaca, na Alemanha reunificada e, até certo ponto, na Polônia de João Paulo II, as coisas não vão bem. Poderão, espero, não estar tão mal quanto entre nós e nos States.

Sobre a situação na Inglaterra, Irlanda e Escócia, não disponho de informações. Sei que por lá a paixão pelo futebol é tal que os torcedores fanáticos deste ou daquele time vivem se agredindo e matando. Esperemos que em Londres, Glasgow e Dublin o comportamento ético dos jovens seja melhor do que entre nós.

É nesse mundo erotizado e permissivo, neste Brasil hedonista, com uma juventude e, não raro, com adultos sem valores e descrentes, politicamente

alienados e moralmente corruptos, que estamos celebrando os 150 anos da solene definição do dogma da concepção imaculada de Maria Santíssima, a Virgem de Nazaré, em cujo ventre se encarnou o Verbo, o Filho de Deus, em Nazaré da Galiléia, no princípio da era cristã”.

Trata-se de renomado escritor e também diretor da apreciada revista "Atualização". Continua, mesmo avançado em anos, como diretor d'"O Lutador", difundido semanário católico, Brasil afora, que leio faz 50 anos. Já o título do artigo, de página inteira, é chamativo: "Num mundo todo erótico, uma Virgem", edição de 1o de dezembro último.

Padre Rangel oferece, aos seus leitores importantes e em geral, ignoradas informações sobre os antecedentes da proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria. O Papa Beato Pio IX foi quem o proclamou, nos anos de 1852 e 1853, antes que em 08 de dezembro de 1854 promulgasse a histórica bula "Ineffabilis Deus", definindo como doutor da fé, "ex cathedra", a bela verdade em que, aliás, a Igreja do Ocidente e do Oriente sempre acreditou, desde os tempos apostólicos. Ouviu todo o episcopado católico e os maiores teólogos daquele tempo. A opinião geral foi amplamente favorável à definição do dogma.

O citado autor transcreve substanciosos textos favoráveis ao dogma, não só de teólogos como Raymond Corrigan, SJ, mas, também, de cientistas como C.G. Jung. Pena que não disponho do espaço para transcrevê-los. Mas, sintonizando com Paschoal Rangel, termino endossando as suas palavras finais: "Como a 150 anos atrás, ela - a Imaculada Conceição - dava uma resposta ao liberalismo materialista e confirmava indiretamente o múnus petrino do Papa. Hoje ela vem dar um grito de alerta e de esperança no meio de uma sociedade afrodisíaca, ainda e sempre materialista. Num mundo erótico, uma Virgem" (conf. página 03)".

Texto 17: MARIA, MODELO DE VOCAÇÃO

A Igreja comemora no mês de Maio, o mês de Maria e sobre a vocação dela, a primeira vocacionada, que se irá refletir.

Maria era uma mulher temente a Deus, pura, humilde e orante; sempre estava em oração. Foi assim que Deus a chamou. Pois é, através da oração, que se comunica com Deus.

O Senhor chama da mesma forma, mas para se ouvir esse chamado, deve-se tomar o exemplo de Maria e sempre estar orando na escuta do Senhor.

Precisa-se estar aberto e não temer em dizer "sim", pois quando se faz à vontade de Deus, encontra-se alegria, satisfação e realização no coração, assim como se pode ver nas palavras da Virgem: "Minha alma glorifica o Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador". (Lc 1,47).

O sim de Maria "Fiat" é que fez com que o rumo da história mudasse, pois foi através de seu sim, que veio a Salvação ao mundo, o Senhor Jesus Cristo.

E pode se perguntar: o que teria acontecido se Maria não tivesse dito sim? O que seria da Igreja se o Papa João Paulo II, que é devoto da Virgem Maria, não tivesse dito sim a Deus?

É através do sim ao chamado de Deus, que a vida de muitas pessoas podem mudar; é através do despojamento para avançar para águas mais profundas (Cf. Lc 5,4) que muitas pessoas, que ainda não conhecem o Senhor Jesus Cristo, poderão conhecê-lo.

Maria foi uma mulher corajosa aceitando ser a mãe de Jesus, pois como se sabe corriam risco sério de vida ao ficar grávida, visto que ainda não tinha ido viver com José realmente. Poderia ser considerada uma mulher adúltera e ser apedrejada, como era o costume da época, em que as mulheres consideradas adúlteras eram apedrejadas em local público. Exemplo de obediência (CIC 144), disse sim a Deus e foi obediente até o fim. Sua fé não vacilou nem mesmo ao ver Jesus na cruz (CIC 149).

Muitos padres se espelham em Maria, para viverem melhor sua vocação, vivendo a pobreza, a obediência e a castidade.

Maria é modelo de vocação, foi e sempre será a primeira vocacionada.

Muitos santos também se espelharam em Maria, como João Maria Grignon de Monfort, que escreveu o "Tratado da Verdadeira Devoção a Virgem Maria", São Bernardo de Claraval, Santo Agostinho, São Maximiliano Maria Kolbe, etc; para que assim se conseguisse fazer a vontade de Deus.

Um grande exemplo foi São Pedro Juliao Eymard, que vivia tão intensamente uma relação com a Virgem Maria, que seus amigos ao verem, sempre doce e recolhido diziam entre si "Ai vem a virgem".

Maria é modelo da Igreja e modelo para todos nós. Está sempre presente na vida de todos os vocacionados. Por isso deve sempre se pedir a ela que rogue por nós a Deus.

Maria, mãe de Deus e de todos os homens rogai por nós a Deus, pedindo a Ele que envie vocacionados para sua Igreja.

Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós.

Pastoral Vocacional - Diocese de Santo Amaro
Rua Santo Alberto, 221, Campo Grande
CEP: 04676-040
Pe. André Eduardo Godoi Lourenço
Sacerdote colaborador da AS

Texto 18: Maria e os Protestantes

‘Quem são todas as mulheres, servos, senhores, príncipes, reis, monarcas da Terra comparados com a Virgem Maria que, nascida de descendência real (descendente do rei Davi) é, além disso, Mãe de Deus, a mulher mais sublime da Terra? Ela é, na cristandade inteira, o mais nobre tesouro depois de Cristo, a quem nunca poderemos exaltar bastante (nunca poderemos exaltar o suficiente), a mais nobre imperatriz e rainha, exaltada e bendita acima de toda a nobreza, com sabedoria e santidade.’

(Martinho Lutero, ‘Comentário do Magnificat’, cf. escritora evangélica M. Basilea Schlink, revista ‘Jesus vive e é o Senhor’).

‘Por justiça teria sido necessário encomendar-lhe [para Maria] um carro de ouro e conduzi-la com quatro mil cavalos, tocando a trombeta diante da carruagem, anunciando: ‘Aqui viaja a mulher bendita entre todas as mulheres, a soberana de todo o gênero humano’. Mas tudo isso foi silenciado; a pobre jovencinha segue a pé, por um caminho tão longo e, apesar disso, é de fato a Mãe de Deus. Por isso não nos deveríamos admirar, se todos os montes tivessem pulado e dançado de alegria.’

(idem, cf. escritora evangélica M. Basilea Schlink, revista 'Pergunte e Responderemos' nº 429).

‘Ser Mãe de Deus é uma prerrogativa tão alta, coisa tão imensa, que supera todo e qualquer intelecto. Daí lhe advém toda a honra e a alegria e isso faz com que ela seja uma única pessoa em todo o mundo, superior a quantas existiam e que não tem igual na excelência de ter com o Pai Celeste um filhinho comum. Nestas palavras, portanto, está contida toda a honra de Maria. Ninguém poderia pregar em seu louvor coisas mais magníficas, mesmo que possuísse tantas línguas quantas são na terra as flores e folhas nos campos, nos céus as estrelas e no mar os grãos de areia.’

(idem, cf. escritora evangélica M. Basilea Schlink, revista 'Jesus vive e é o Senhor')

‘Peçamos a Deus que nos faça compreender bem as palavras do Magnificat... Oxalá Cristo nos conceda esta graça por intercessão de sua Santa Mãe! Amém.
(Martinho Lutero, 'Comentário do Magnificat').

‘O Filho de Deus fez-se homem, de modo a ser concebido do Espírito Santo sem o auxílio de varão e a nascer de Maria pura, santa e sempre virgem.
(Martinho Lutero, 'Artigos da Doutrina Cristã')

‘Maria é digna de suprema honra na maior medida.’
(‘Apologia da Confissão de Fé de Augsburg’, art. IX).

‘Um só Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, nascido da Virgem Maria.’
(idem)

‘Não podemos reconhecer as bênçãos que nos trouxe Jesus, sem reconhecer ao mesmo tempo quão imensamente Deus honrou e enriqueceu Maria, ao escolhê-la para Mãe de Deus.’
(João Calvino, Comm. Sur l’Harm. Evang.,20)

‘Firmemente creio, segundo as palavras do Evangelho, que Maria, como virgem pura, nos gerou o Filho de Deus e que, tanto no parto quanto após o parto, permaneceu virgem pura e íntegra.’
(Zwinglio, em 'Corpus Reformatorum')

‘Creio que [Jesus] foi feito homem, unindo a natureza humana à divina em uma só pessoa; sendo concebido pela obra singular do Espírito Santo, nascido da abençoada Virgem Maria que, tanto antes como depois de dá-lo à luz, continuou virgem pura e imaculada.’

(John Wesley, fundador da Igreja Metodista, em carta dirigida a um católico em 18.07.1749)

‘Ao ler estas palavras de Martinho Lutero [em 'Comentário do Magnificat'], que até o fim de sua vida honrava a mãe de Jesus, que santificava as festas de Maria e diariamente cantava o Magnificat, se percebe quão longe nós geralmente nos distanciamos da correta atitude para com ela, como Martinho Lutero nos ensina, baseando-se na Sagrada Escritura. Quão profundamente todos nós, evangélicos, deixamo-nos envolver por uma mentalidade racionalista, apesar de

que em nossos escritos confessionais se lêem sentenças como esta: 'Maria é digna de ser honrada e exaltada no mais alto grau'.

O racionalismo ignorou por completo o mistério da santidade. O que é santo, é bem diferente do resto; diante do que é santo, só nos podemos quedar em admiração, adorar e prostrar-nos no pó. O que é santo, não é possível compreendê-lo. Diante da exortação, de Martinho Lutero, de que Maria nunca pode ser suficientemente honrada na cristandade, como a mulher suprema, como a jóia mais preciosa depois de Cristo, e sou obrigada a me confessar adepta daqueles que durante muitos anos de sua vida não seguiram esta admoestação de exaltá-la e assim também não cumpriram a exortação da Sagrada Escritura segundo a qual as gerações considerariam Maria bem-aventurada (Lucas 1,48). Eu não entrei na fila destas gerações. É verdade que também li na Sagrada Escritura como Isabel, mulher agraciada por Deus, falando pelo Espírito Santo e denominando Maria 'a mãe do meu Senhor', lhe prestou a maior homenagem, ao lhe dizer como prima mais idosa: 'Donde me vem a honra de tu entrares em minha casa?!' Eu, de fato, poderia ter aprendido o procedimento correto com Isabel. Mas eu não prestei homenagem a Maria com pensamento algum, com nenhum sentimento do coração, com palavra alguma, nem com algum canto. E muito menos eu a louvava sem fim, deixando de seguir a orientação de Lutero, quando escreve que jamais chegaríamos a exaltá-la o suficiente.

Minha intenção, ao escrever este opúsculo sobre o caminho de Maria, segundo o que diz dela a Sagrada Escritura, foi conscientemente reparar esta omissão pela qual me tornei culpada para com o testemunho da Palavra de Deus. Nas últimas décadas o Senhor me concedeu a graça de aprender a amar e honrar cada vez mais a Maria, a mãe de Jesus. E isto, à medida que, pela Sagrada Escritura, me ia aprofundando no conhecimento de sua vida e dos seus cainhos. Minha sincera intenção, ao escrever este livro, é fazer o que posso para ajudar, a fim de que entre nós, os evangélicos, a mãe de nosso Senhor seja novamente amada e honrada, como lhe compete, segundo as palavras da Sagrada Escritura e conforme nos recomendou Martinho Lutero, nosso reformador.

Com gratidão gostaria de confessar aqui quanto o testemunho de sua obediência, de sua entrega total de disponibilidade para andar todos os seus penosos caminhos, me foram uma bênção. Pois ela viveu e andou o caminho da humilhação, numa atitude que 'no dizer de Lutero, quando escreve a introdução ao Magnificat' nos pode servir de exemplo: 'A delicada mãe de Cristo sabe ensinar melhor do que ninguém' pelo exemplo de sua prática' como devemos conhecer, louvar e amar a Deus...'

Quanto amor nós, os evangélicos, dedicamos aos apóstolos Paulo e Pedro! Muitas vezes até encontramos-nos num relacionamento individual e espiritual com eles. Nós os honramos e lhe agradecemos por terem andado este caminho de discípulos de Cristo. Agradecemos ao apóstolo Paulo, porque sabemos que, sem ele, a mensagem de Jesus não teria chegado até nós, os gentios. Exaltamos, cheios de gratidão, os mártires de nossa Igreja, cujo sangue foi semente da qual a Igreja tira vida. E nos esquecemos muitas vezes de agradecer a Maria, a mãe de nosso Senhor.

Não está ela inserida na 'nuvem de testemunhas' que nos circundam (cf. Hebreus 12,1) e cujo testemunho nos deve fortalecer para a luta que temos a sustentar?

Se honramos apóstolos e arcanjos e deles esperamos que sejam nossos guias no caminho, usando seus nomes para denominar comunidades e igrejas

nossas, então, como é que poderíamos excluir Maria, que está ligada a Jesus como a primeira e mais íntima e que andou com Ele o caminho da cruz?

A nossa Igreja Evangélica deixou de lhe prestar honra e louvor, receando com isto reduzir a honra devida a Jesus. Mas o que acontece é o seguinte: toda honra autêntica dirigida aos discípulos de Jesus e também à Sua mãe aumenta a honra do Senhor. Pois foi Ele, só Ele, que os elegeu, os cobriu com Sua graça e fez deles Seu vaso de eleição. Por sua fé, seu amor e sua dedicação para com Deus, é Deus colocado no centro das atenções e é glorificado.

É intenção nossa 'como Irmandade de Maria' contribuir, em obediência à Sagrada Escritura, para que nosso Senhor Jesus não seja entristecido por um comportamento nosso destituído de reverência para com Sua mãe ou até de desprezo. Pois ela é Sua mãe que O deu à luz e O criou e educou e a cujo respeito falou o Espírito Santo, por intermédio de Isabel: 'Bem-aventurada a que creu!'

Jesus espera de nós que a honremos e amemos. É isto que nos é proposto pela Palavra de Deus e é, portanto, Sua vontade. E somente os que guardam Sua palavra, são os que amam a Jesus de verdade (João 14,23).'

(M. Basilea Schlink, escritora evangélica que escreveu, em 1960, o livro 'Maria - o Caminho da Mãe do Senhor' e fundadora da Irmandade Evangélica de Maria, em Darmstadt, Alemanha)

'Em Lourdes, em Fátima e em outros santuários marianos, a crítica imparcial se encontra diante de fatos sobrenaturais, que tem relação direta com a Virgem Maria, seja mediante as aparições, seja por causa das graças milagrosas solicitadas pela sua intercessão. Estes fatos são tais que desafiam toda a explicação natural.

Sabemos ou deveríamos saber que as curas de Lourdes e Fátima são examinadas com elevado rigor científico por médicos católicos e não-católicos. Conhecemos a praxe da Igreja Católica, que deixa transcorrer vários anos antes de declarar alguma cura milagrosa. Até hoje, 1200 curas ocorridas em Lourdes foram pelos médicos consideradas cientificamente inexplicáveis. Todavia a Igreja Católica só declarou milagrosas 44 delas. Nos últimos 30 anos, 11000 médicos passaram por Lourdes. Todos os médicos, qualquer que seja a sua religião ou posição científica, tem livre acesso ao 'Bureau des Constatations Medicales'. Por conseguinte, uma cura milagrosa é cercada das maiores garantias possíveis.

Qual é, pois, o sentido profundo destes milagres no plano de Deus? Bem parece que Deus quer dar uma resposta irrefutável à incredulidade dos nossos dias. Como poderá um incrédulo continuar a viver de boa fé na sua incredulidade diante de tais fatos? E também nós, cristãos-evangélicos, podemos ainda, em virtude de preconceitos, passar ao lado destes fatos sem nos aplicarmos a um atento exame? Uma tal atitude não implicaria grave responsabilidade para nós? Por que um cristão evangélico pode ter o direito de ignorar tais realidades pelo fato de se apresentarem na Igreja Católica e não na sua comunidade religiosa? Tais fatos não deveriam, ao contrário, levar-nos a restaurar a figura da Mãe de Deus na Igreja Evangélica?

Somente Deus pode permitir que Maria se dirija ao mundo, através de aparições.

Não nos arriscamos talvez a cometer um erro fatal, fechando os olhos diante de tais realidades e não lhes dando atenção alguma? Cristãos Evangélicos da Alemanha, deveremos talvez continuar a opor-lhes recusa e indiferença? Continuaremos a nos comportar de modo que o inimigo de Deus nos mantenha em atitude de intencional cegueira?

Não deveremos talvez abrir o nosso coração a esta luz que Deus faz brilhar para a nossa salvação? Tal problema evidentemente merece exame, não deve ser afastado de antemão, por preconceito, pelo único motivo de que tais curas são apresentadas pela Igreja Católica. Uma tal atitude acarretaria grave dano para nós mesmos e para o mundo inteiro. Grande responsabilidade nos toca. Temos o direito de examinar tais fatos. Não nos é possível passar ao largo e encampar tudo no silêncio. Hoje, em alguns países, está em causa a existência mesmo do Cristianismo. Seria o cúmulo da tolice ignorarmos a voz de Deus que fala ao mundo, pela mediação de Maria, e dar-lhe as costas, unicamente, porque Ele faz ouvir sua voz através da Igreja Católica. Como quer que seja, não podemos calar por muito tempo sobre tais realidades. Temos que examiná-las, sem preconceito, pois é iminente uma catástrofe.

Poderia acontecer que, rejeitando ou ignorando a mensagem que Deus nos faz chegar através de Maria, estejamos recusando a última graça que ele nos oferece para a nossa salvação. É, por isso, um dever muito grave para todos os chefes da Igreja luterana e para outras comunidades cristãs examinar tais fatos e tomar uma posição objetiva. Este dever impõe-se também pelo fato de que a Mãe de Deus não foi esquecida somente depois da Guerra dos 30 anos e na época dos livres pensadores da metade do século XVIII.

Sufocando no coração dos evangélicos o culto da Virgem, destruíram os sentimentos mais delicados da piedade cristã.

No seu Magnificat, Maria declara que todas as gerações a proclamarão bem-aventurada até o fim dos tempos. Todos nós verificamos que esta profecia se cumpre na Igreja Católica e, nestes tempos dolorosos, com intensidade sem precedentes. Na Igreja Evangélica, tal profecia caiu em tão grande esquecimento que dificilmente se encontra algum vestígio da mesma. Ainda uma vez estas reflexões nos impõe o dever de examinar os fatos acima citados e de tirar dos mesmos todas as conclusões pertinentes.

(Manifesto de Dresden ´ documento redigido por
vários teólogos luteranos e publicado pela revista
´Spiritus Domini´ n.5, Maio/1982)

Referências

- [1] AGOSTINHO, Santo. **A Virgem Maria**: cem textos marianos com comentários. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996. (Espiritualidade).
- [2] AQUINO, Felipe. **A mulher do Apocalipse**. 4 ed. Cachoeira Paulista, SP: Comunidade Canção Nova; São Paulo: Loyola, 1997.
- [3] AQUINO, Felipe. **Na escola dos santos doutores**. 2 ed. Lorena, SP: Editora Cléofas, 1996
- [4] AQUINO, Felipe. **A minha Igreja**. 2 ed. Lorena, SP: Editora Cléofas, 1999
- [5] BÍBLIA SAGRADA. 98 ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1995.
- [6] BOFF, Lina. **Maria na vida do povo**: ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha. São Paulo: Paulus, 2001.
- [7] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.
- [8] CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Com Maria rumo ao novo milênio**: a Mãe de Jesus, na devoção, na Bíblia e nos dogmas. São Paulo: Paulinas, 1998. (Rumo ao Novo Milênio, 32).
- [9] COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, decretos, declarações**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- [10] Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (PUEBLA). **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 8 ed. São Paulo: Paulinas, 1986.
- [11] Conferência do Episcopado Latino-Americano (SANTO DOMINGO). **Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã**: conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1992.
- [12] CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA DO PAPA PIO XII. **Munificentissimus Deus**: definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu.
- [13] CRESCENTI, Eliane P. **Rosário**: caminho da paz. Aparecida, SP: Editora Santuário; Brasília: Centro de Pastoral Popular, 1999.
- [14] CURY, Augusto. **Maria, a maior educadora da história**: dez princípios que Maria utilizou para educar o menino Jesus: uma visão da psicologia, psiquiatria e pedagogia sobre a mulher mais famosa e desconhecida da história. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- [15] FERRAZ, Orlando. **Maria, Mãe de Deus**: títulos que honram Nossa Senhora. Curitiba: Novo Rumo, 2003.
- [16] GONZÁLEZ, Carlos I. **Maria, evangelizada e evangelizadora**. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 1990.
- [17] GUEDES, José M. Filho; LOPES, Vanessa F. de D. **Fazei tudo o que Ele vos disser**. São José dos Campos, SP: Editora SINAI, 2002.
- [18] HÄRING, Bernhard. **Maria, modelo de fé**: 31 meditações e orações para um mês mariano. 3 ed. Trad. Américo Gonçalves Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 1984.
- [19] JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Mater sobre a Mãe do Redentor**. 9 ed. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção A voz do papa, 116).
- [20] _____. **Carta às mulheres**. São Paulo: Paulinas, 1995. (Coleção A voz do papa, 144).
- [21] _____. **Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae**. São Paulo: Paulinas, 2002. (Coleção A voz do papa, 183).
- [22] _____. **A virgem Maria**. 58 catequeses do Papa sobre Nossa Senhora. 4 ed. Lorena, SP: Editora Cléofas, 2005.
- [23] LARRAÑAGA, Inácio. **O silêncio de Maria**. 16 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- [24] LIGÓRIO, Afonso Maria de (Santo). **Glórias de Maria**. 3 ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1989.
- [25] MIRANDA, Fernando M. A. de, sj. **De Maria nunca basta**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- [26] MONFORT, S. Luís M. G. **O segredo de Maria**. 8 ed. Aparecida, SP: Santuário, 1996.
- [27] MONFORT, S. Luís M. G. **Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem**. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- [28] REATO, Olívio. **Sim, Senhora!** Campinas, SP: Raboni, 1994.
- [29] STRADA, Angel L. **Maria**: um exemplo de mulher. São Paulo: Edições Ave Maria, 1989.
- [30] VERNET, Joan M. **E tu, Maria, o que dizes de ti mesma?**: a história da Mãe de Jesus. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.